



FERNANDA CRISTINA
DA SILVA
ORO GHIIBERTO

RACISMO
na Argentina
resistência e reexistência

Texto e Contexto
EDITORA

FERNANDA CRISTINA
DA SILVA
ORO GIBERTO

RACISMO. na Argentina

resistência e reexistência

Texto e Contexto
EDITORA

Copyright © 2025 by Fernanda Cristina da Silva Oro Ghiberto
Todos os direitos reservados à autora

Diretor: Vendelino Hauer
Projeto gráfico, capa e revisão: Equipe Texto e Contexto Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ghiberto, Fernanda Cristina da Silva Oro
Racismo na Argentina: resistência e
reexistência [Livro eletrônico] / Fernanda
Cristina da Silva Oro Ghiberto. -- 1. ed. --
Ponta Grossa, PR: Texto e Contexto Editora, 2025.

ISBN 978-65-6080-088-5

1. Linguagem 2. Racialização - Racismo
4. Língua Espanhola I. Ghiberto, Fernanda
Cristina Oro. II. Título.

81-316.134.2

CDD-81.342.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem : racismo 305 -306

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

TEXTO E CONTEXTO EDITORA
www.textoecontextoeditora.com.br
contato@textoecontexto.com.br
Tel. (42) 98883-4226

À minha mãe Felícia Martins da Silva,
mulher, negra e professora,
que resume tudo que sou.

Sumário

Introdução	7
Capítulo I	13
Afro-Argentina - Panorama Histórico	14
Capítulo II	23
O Espanhol Latino-Americano e a Afro-Argentina	24
O Negro no Espanhol Latino-Americano	27
Linguagem, Representação, Cultura e Racismo	30
Colonialidade e Racismo Linguístico	34
Capítulo III	41
Termos e Expressões Racistas	42
Negro: Discursos de Ódio nas Redes Sociais	43
Poder Simbólico	47
Racismo e Classe: Negro Pobre	49
“Negro de Mierda”	53
Trabalhar como um Negro	59
O Pacto	60
Não Existe Racismo na Argentina	63
Capítulo IV	67
Movimentos Convergentes	68
Indo de Encontro ao Racismo: Associações e Inadi	70
La Sociedad de Socorro Mutuos Unión Caboverdeana de Dock Sud	73

La Casa de Cultura Indoafroamericana de Santa Fé . . .	74
Capítulo V	77
Criando outra Narrativa	78
Recriando Histórias	80
Práticas para um Ensino de Espanhol Antirracista	86
Que Espanhol Ensinar?	87
Referências	92
Anexo I	99
Anexo II	104
Anexo III	108
Anexo IV - resistência em imagens	110
Anexo V - lista de Associações Afro-Argentinas . . .	111

Introdução

A primeira vez que me disseram que tocar em uma pessoa negra dava sorte, eu estava em uma rua de Córdoba, na Argentina. Uma criança de cerca de dez anos, acompanhada da mãe, estendeu a mão para me tocar, como se eu fosse um amuleto, fiquei sem entender, mas a senhora me explicou: Tocar em uma pessoa negra traz sorte para nós. Juro! Eu fiquei sem chão.

Em outras ocasiões, desconhecidos pediram para tirar fotos comigo, justificando que lá não há negros e que, por isso, eu despertava curiosidade.

Certa vez, durante um almoço com pessoas brasileiras e argentinas ao afirmar que havia negros no país, uma senhora argentina, disse-me que não havia negros no país e que os poucos que havia foram devolvidos ao Brasil, ainda, fui desafiada a “estudar mais” sobre a história argentina. De certa forma, fiquei intrigada e fui estudar mais sobre o tema. Essa senhora despertou em mim uma curiosidade, queria saber porquê cargas d’água ela falava aquilo com tanta certeza e segurança. Esta investigação teve início com a ajuda dessa senhora.

Essas situações, embora individuais, dizem algo muito maior: um sistema de crenças e valores que historicamente silenciou e apagou a presença negra no país e que funcionou.

A pesquisa que deu origem a este livro teve início em minha dissertação de mestrado, na qual investiguei as dinâmicas do racismo na Argentina sob uma perspectiva da linguística histórica. Ao expandir esse estudo, busco aprofundar a compreensão sobre como o racismo se manifesta no contexto argentino, sobretudo por meio da linguagem e de suas implicações sociais. Como mulher negra, que morou por quatro anos na Argentina e atualmente casada com um argentino, vivenciei o racismo presente nesta sociedade. Como professora de língua estrangeira na educação pública, preocupo-me profundamente a formação crítico-reflexiva dos estudantes, sobretudo no que tange à compreensão da linguagem como um instrumento de poder e perpetuação de estereótipos raciais.

Para compreender o racismo na Argentina, é essencial explorar a relação entre cultura e linguagem. Como argumenta Stuart Hall (2016), a cultura é um sistema de significados compartilhados que orienta a forma como interpretamos e reagimos às situações do cotidiano. Dessa forma, o racismo não se manifesta apenas por meio de insultos diretos ou atos de violência, mas também através de discursos, imagens, silenciamentos e construções simbólicas que estruturam o imaginário social. Esse apagamento da população negra na Argentina é resultado de processos históricos que incluem políticas de branqueamento e narrativas nacionais excludentes, as quais reforçaram a ideia equivocada de que “não há negros na Argentina”.

Este livro, propõe-se analisar o racismo na Argentina sob duas perspectivas principais: a histórica e a linguística. Do ponto de vista histórico, busca-se entender como os processos de branqueamento, apagamento e exclusão da população negra moldaram a identidade nacional argentina. Do ponto de vista linguístico, o foco está na análise de expressões racistas utilizadas no cotidiano e na internet, particularmente nas redes sociais, como o Facebook. O objetivo é compreender como a linguagem reflete e/ou auxilia na manutenção do racismo e na construção de estereótipos racializados, muitas vezes de forma sutil e normalizada. Para tanto, esta obra está organizada em cinco capítulos principais.

No primeiro capítulo, discuto o contexto histórico na Argentina com foco na população negra, apresento uma análise crítica do apagamento histórico da presença negra na Argentina, destacando como o mito “aqui não há negros” foi construído por meio de discursos, estratégias políticas e narrativas oficiais desde o século XIX. Apesar da participação de negros e indígenas na luta pela independência e na construção do país, o Estado argentino adotou políticas de silenciamento, apagamento e marginalização dessas populações, reforçando uma identidade nacional branca e eurocêntrica.

A herança escravocrata, muitas vezes ignorada, gerou benefícios concretos para a população branca, ao passo que à população negra sobrou a exclusão e violência sistêmica e estrutural.

Ainda, aponto que a ausência de dados nos censos e o discurso ideológico de igualdade serviram para negar a diversidade étnico-racial da Argentina, sustentando um pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) e uma memória seletiva da população, como a da senhora que me motivou a seguir esta pesquisa.

No capítulo dois, através do diálogo com autores como Fontanella de Weinberg (1992) e Pinto (2024), faço uma visita ao passado linguístico e social do espanhol a partir de uma perspectiva antirracista. Compreendendo que o espanhol que hoje se fala nas Américas não foi apenas transplantado da Europa, mas moldado pelas interações com diversas línguas, antes mesmo de chegar aqui.

Apresento os conceitos de koinização e rekoinização apresentado por Fontanella de Weinberg para explicar as influências linguísticas e históricas na língua espanhola falada na América, bem como contato do espanhol com línguas indígenas, africanas e imigratórias.

Também, a partir da minha pesquisa de mestrado sobre a Afro-Argentina, procuro revelar como a ausência de negros nos discursos oficiais, nos censos e até nas análises linguísticas faz parte de um projeto maior de apagamento e de manutenção de privilégios.

Para completar a ideia contida no capítulo dois faço a inserção de um texto que escrevi em minhas observações posteriores à apresentação da minha dissertação de mestrado, base para a discussão que aqui apresento. Ancorada no Livro *Racismo Linguístico* de Gabriel Nascimento (2019), faço a análise de uma imagem que circulou nos jornais de um torcedor argentino em uma partida de futebol entre Brasil e Argentina ocorrida no Estádio Nuñez em Buenos Aires- AR, em março de 2025, mesmo sendo um sujeito de pele escura, reproduz gestos de racismo contra outro latino-americano, comprovando que a colonialidade e racismo despedaçam, fragmentam identidades e nos afasta de nós mesmos.

Apresento ainda um episódio pessoal de silenciamento, em que, mesmo entre sujeitos e discussões racializados, minha legitimidade como mulher negra foi desautorizada por meio da linguagem,

revelando como o racismo linguístico atua de forma estrutural, inclusive nos espaços que deveriam ser de luta e acolhimento.

No terceiro capítulo, analiso a relação entre linguagem e racismo, fundamentando a discussão em autores como Stuart Hall (2016), na qual tento fazer uma reflexão sobre a linguagem como prática social e cultural, com base no livro “Cultura e representação”.

Apresento a ideia de que a linguagem não é neutra e nem simples, ela é um sistema que constrói e impõe sentidos na cultura, reconhecendo que o racismo linguístico não depende apenas de quem fala ou de quem ouve, mas da existência de um “mapa conceitual” coletivo, que possibilita que certos sentidos sejam compreendidos e naturalizados.

Assim, pretendo mostrar como o racismo é sustentado por discursos que circulam e se repetem, conferindo aparência de verdade a práticas historicamente violentas construídas e mantidas pela branquitude.

Ainda, no terceiro capítulo, trago a análise feita em minha dissertação de mestrado, uma investigação sobre a presença do racismo na linguagem cotidiana e digital da argentina, com foco nas redes sociais, especificamente no Facebook, analisando expressões racistas recorrentes e suas implicações socioculturais. Sobretudo a expressão “negro” e suas derivações utilizadas de maneira pejorativa, discriminatória e violenta.

Utilizando a hashtag e a expressão fiz uma busca na rede social Facebook para compor a análise apresentada. As expressões “negro de mierda”, “trabajar como negro” e o uso do termo “quilombo” são exemplos de como o racismo está naturalizado no vocabulário e no imaginário argentino. Ainda, a interseção entre racismo e classe, mostrando como o termo “negro” é usado para descrever pessoas pobres, reforçar estigmas sociais e raciais. A análise inclui postagens de páginas argentinas como “Me Estás Cargando?”.

No quarto capítulo, proponho reflexões sobre perspectivas de resistência e transformação, com destaque para movimentos afro-argentinos. Neste capítulo, busquei apresentar a importância

das associações e institutos que se propõem a combater a hegemonia, o racismo e a exclusão na Argentina. A partir de uma abordagem decolonial, apresento a trajetória de instituições como o INADI (Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo), a Sociedad de Socorro Mutuos Unión Caboverdeana de Dock Sud e a Casa de Cultura Indo Afro Americana “Mario Luis López”, todas engajadas na luta contra o racismo sistêmico e na preservação da memória e identidade afro-argentina, compondo o subtítulo desse livro: “Resistência e reexistência”. São essas instituições que efetivam as resistências históricas, reescrevem as narrativas e reivindicam espaços de existência, voz e pertencimento.

Por fim, no quinto e último capítulo, apresento abordagens pedagógicas antirracistas que podem ser incorporadas ao ensino de Língua Espanhola. Esse capítulo expande a discussão para além da Argentina, incluindo reflexões sobre outros países da América Latina e propondo atividades didáticas que incentivam uma abordagem crítica e inclusiva do ensino de espanhol.

Ainda nos anexos, apresento atividades possíveis para a sala de aula e proponho que revisitemos a narrativa histórica argentina de forma crítica através das imagens extraídas do “Archivo General de la Nación Argentina” veiculadas pela revista *Caras y Caretas* entre os séculos XIX e XX. O intuito é fazer um resgate e valorização da presença negra no país, para que afirmações consolidadas como “aqui não há negros” sejam reestruturadas.

Proponho atividades pedagógicas em sala de aula de Língua Espanhola para promover o ensino a partir de uma perspectiva antirracista, decolonial, crítica e intercultural, conforme a lei 11.645/08.

Além disso, o texto amplia essa proposta para outros países latino-americanos, como Peru com uso do poema “Me gritaron negra”, de Victoria Santa Cruz e Colômbia com o estudo da banda afro-colombiana Kombilesa Mí, a cultura palenquera e que também inclui uma atividade no anexo um. Nos anexos apresento outras postagens de páginas da argentina e também atividades que podem ser aplicadas em sala de aula de Língua Espanhola.

Ao longo desta investigação, proponho identificar essas expressões e discursos racistas e excludentes, refletir e discutir suas implicações sociais e culturais, para propor ações/intervenções.

A internet, longe de ser apenas um espaço de comunicação, tornou-se um campo onde ideias racistas são compartilhadas, validadas e perpetuadas, refletindo que o racismo está profundamente enraizado na cultura argentina.

Assim, de forma muito breve, ao analisar o racismo na Argentina este livro pretende ir além da denúncia e contribuir para o debate sobre a necessidade de descentralizar a hegemonia branca e valorizar as contribuições negras para a história e a identidade da Argentina. Afinal, o racismo não é um problema apenas de atitudes individuais, mas uma questão estrutural e cultural que precisa ser confrontada com conhecimento, reflexão e sobretudo, ação.

Capítulo I

“Aqui não há negro!
Você deveria estudar mais sobre o tema.”

Afro-Argentina - Panorama Histórico

A análise aprofundada de qualquer narrativa histórica sempre revela aspectos ocultos deixados no esquecimento, histórias e contribuições que foram silenciadas. No contexto argentino, foco deste trabalho, não foi diferente. Pessoas negras foram simplesmente apagadas da história nacional.

Na Argentina a expressão “não há negros” (Tamagno; Maffia, p. 23), continua minimizando as lutas antirracistas, dificultando a expansão de trabalhos acadêmicos e mantendo as pessoas negras às margens da sociedade. Mesmo que os trabalhos acadêmicos nessa área tenham se desenvolvido nesses últimos anos – um exemplo disso é a reabilitação da figura afro-argentina Maria dos Remedios Del Valle¹ reconhecida como “Mãe da pátria” ainda há muito por dizer e, acima de tudo, valorizar no que se refere aos povos negros que ali estiveram e ainda estão, uma vez que a história fez o des-serviço de apagar da memória coletiva a participação desse grupo étnico na construção social e cultural do país.

O processo de abolição da escravidão na Argentina data de 1852. As lutas pela liberdade do país das mãos dos invasores foi forjada com sangue negro e indígena como se pode observar nessa passagem de Teresa Eggers, relatando a invasão inglesa de 1806, na qual Liniers² prepara o exército para a resistência:

Liniers se dispuso a preparar la resistencia, formando cuerpos de milicias de acuerdo con el origen de los soldados. El Regimiento de Castas estaba formado por Pardos, Morenos e Indios; en la sociedad colonial, pese a la situación de emergencia que una lucha de esa naturaleza implicaba, las clases más bajas no se podían mezclar con las demás (Egger, 2006, p.65)³.

1. Nascida na cidade de Buenos Aires, estima-se que entre os anos 1766 e 1767, foi soldado na luta pela independência da Argentina. Foi mulher e negra em um país racista e morreu esquecida e pobre.

2. Santiago de Liniers e Bremond (25/07/1753- 26/08/1810) foi um militar francês que foi administrador colonial da Coroa espanhola e vice-rei do Vice-Reino do Rio da Prata em 1807 e 1809. Defendeu a província das Invasões Britânicas. Foi fuzilado por defender a coroa espanhola contra a independência da Argentina. (dbpedia, 4 mar. 2024).

3. Liniers se prontificou a preparar a resistência, formando corpos de mi-

Além de negar, silenciar e minimizar o racismo, a Argentina preocupa-se com a tarefa de manter o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022), defendendo-se das acusações cometidas, das atrocidades, violências e assassinatos contra as populações afro e indígenas, as quais foram utilizadas como “paredão humano” na luta da independência. Segundo Egger (2006):

[...] se reclutaron esclavos; la donación de esclavos a la patria era un buen signo de adhesión al gobierno nacional. El estado confiscó esclavos de españoles que no apoyaban la revolución, y también compró esclavos a particulares. Los dueños de esclavos recibieron una indemnización por la pérdida económica que eso les significaba [...] En algunos momentos la infantería negra era más de una cuarta parte de las tropas regulares. (Egger, 2006, p.88-89)⁴.

Segundo a autora a presença negra na infantaria era grande e a participação dos chamados “hombres oscuros” (Egger, 2006, p.67) nos conflitos armados do país atuou como o gatilho que acendeu a indignação entre os sobreviventes negros desse massacre. Isso provocou um despertar na busca por direitos e deu origem a novos líderes provenientes das classes menos privilegiadas. Esses eventos deixaram as autoridades espanholas em estado de alerta.

O receio arraigado na classe dominante, que perdura até os dias atuais, quanto a perder o controle motivou as medidas adotadas pelas autoridades para conter a possibilidade de ascensão de negros e “pessoas de cor” (Kilomba, 2019, p. 67) às posições militares, com o objetivo de restringir o acesso a armas. Segundo a

lícia de acordo com a origem dos soldados. O Regimento de Castas era composto por Pardos, Morenos e Índios; na sociedade colonial, apesar da situação de emergência que uma luta dessa natureza implicava, as classes mais baixas não podiam se misturar com as demais. (Egger, 2006, p.65, tradução minha).

4. [...] escravos foram recrutados; a doação de escravos à pátria era um bom sinal de adesão ao governo nacional. O Estado confiscou escravos de espanhóis que não apoiavam a revolução e também comprou escravos de particulares. Os proprietários de escravos receberam uma indenização pela perda econômica que isso lhes causou [...]. Em alguns momentos, a infantaria negra era mais de um quarto das tropas regulares. (Egger, 2006, p.88-89, tradução minha).

autora, o surgimento de milícias possibilitava esse acesso a posições mais elevadas.

Es decir que una de las consecuencias no esperada de las invasiones inglesas es la democratización que comienza con el surgimiento de milicias, que dan posibilidad de ascenso social a gente que antes no la tenía. Pese lo afirmado por Beruti, esta situación continua en toda la región de la Provincias del Río de la Plata en la guerra de independencia (Egger, 2006, p.65)⁵.

Sendo assim o governo inicia seu projeto de supressão de possibilidades de crescimento para essa parcela da população, aos que não morreram em combate, recebem a impossibilidade de ascensão e o apagamento histórico-cultural da sua contribuição à memória do país. O sistema de discriminação racial e suas graves repercussões deixaram suas marcas na educação, na linguagem, nas condições socioeconômicas e, também, na limitada integração das populações de “origem humilde” (Egger, 2006, p.67) na sociedade. Pode-se perceber que a concepção de consciência e lembrança na sociedade argentina foi moldada de tal maneira que a expressão “aqui não existe pessoas negras” ainda é propagada e aceita entre os indivíduos. Essa noção de consciência e memória é muito bem descrita por Lélia Gonzales (2020):

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória,

5. Isto significa que uma das consequências não esperadas das invasões inglesas é a democratização que começa com o surgimento de milícias, que oferecem a possibilidade de ascensão social para pessoas que antes não a tinham. Apesar do afirmado por Beruti, essa situação continua em toda a região das Provincias do Rio da Prata durante a guerra de independência. (Egger, 2006, p.65, tradução minha).

mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade (Gonzalez, 2020, p.102).

A convicção consciente da suposta predominância de uma elite racial branca, composta por indivíduos que historicamente “chegaram em embarcações”, manifesta-se de forma evidentemente racista, alcançando até mesmo o imaginário do presidente da nação, Alberto Fernández. Este, ciente das tragédias infligidas sobre as comunidades negras e indígenas pelo passado colonial, parece utilizar-se oportunisticamente daquilo que foi arrancado dessas populações. O patrimônio que lhe foi transmitido, graças à sua ascendência branca e à conexão com os antigos senhores de escravos, serve como uma herança manchada pela exploração e pelas injustiças históricas da qual nenhum branco da Argentina deveria se orgulhar.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravização e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2022 p.23).

Seguindo a afirmação de Bento (2022), podemos entender que a população branca argentina é racista pois se sente totalmente à vontade para ser, já que sua herança escravocrata deixou a liberdade para excluir, recusar e se envergonhar da presença negra em sua história. Quando na verdade a sociedade argentina deveria se envergonhar de sua própria história e propor reflexões sobre essas narrativas.

Uma breve análise histórica nos deu a dimensão social do problema. Outro fato importante que se deve considerar nesta análise são os censos demográficos que por muito tempo não incluíram as populações afro e indígenas em seus números. Nos primeiros censos nacionais da Argentina, a falta de estatísticas sobre a população africana e afrodescendente foi atribuída às motivações igualitárias – que de igualitárias não tinham nada –, já que, na épo-

ca, havia uma ênfase na igualdade de direitos e oportunidades para todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica.

No entanto, essa abordagem igualitária acabou desconsiderando a coleta de informações específicas sobre a população africana e afrodescendente. Essa ideia falaciosa de igualdade fica evidente em algumas postagens no Facebook em que pessoas, que se consideram brancas, afirmam equivocadamente que não existem afro-argentinos, pois todos somos iguais, somos argentinos. Maidana (2014) aponta que:

En los primeros censos nacionales la ausencia de estadísticas de la población africana y afrodescendiente obedeció tanto las motivaciones igualitarias de la nueva grilla estadística liberal como las razones de orden técnico y a la convicción evolucionista de que la proporción de población negra era escasa sobre el total de la población (Maidana, 2014, p.230-231)⁶.

O primeiro censo demográfico na Argentina foi realizado em 1869. Esse censo, conhecido como “Censo Nacional de la República Argentina”, foi um marco importante no auxílio da construção de um ideal imaginário de hegemonia, além de servir como dados para a obtenção de informações demográficas abrangentes sobre a população branca do país. Para Maidana (2014) um dado relevante é o de que a convicção evolucionista predominante na época considerava a proporção da população negra como escassa e próxima a desaparecer em relação ao total da população, por isso, com o respaldo social e de órgãos nacionais, hoje ouvimos a familiar expressão: “aqui não há negros”.

Esta visão, baseada na teoria da evolução, influenciou a percepção geral sobre a composição étnica da sociedade levando ao apagamento dos dados sobre a população africana e afrodescendente. Essa falta de dados adequados impossibilitou a compreensão e por sua vez o reconhecimento da contribuição desses gru-

6. Nos primeiros censos nacionais, a ausência de estatísticas da população africana e afrodescendente se deveu tanto às motivações igualitárias da nova grade estatística liberal quanto a razões de ordem técnica e à convicção evolucionista de que a proporção da população negra era pequena em relação ao total da população (Maidana, 2014, p.230-231, tradução minha).

pos étnicos na sociedade argentina. Blazsek (2012) apud Maidana (2014) afirma que:

En 1869, la clasificación de las nacionalidades parte de un criterio geográfico: la distinción entre americanos y europeos, más tres grupos de importancia numérica menor (africanos, asiáticos y sin especificación). [...] Aquí también el término “raza” remite a consideraciones lingüísticas e geográficas, y señala que “la inmensa mayoría de la población” pertenece a la raza latina, destacando que las “otras razas” constituyen agregados residuales próximo a desaparecer (Blazsek, 2012 *apud* Maidana, 2014, p.238)⁷.

Na Argentina racista de 1869, a classificação das nacionalidades refletia uma visão limitada e discriminatória, pois se baseava exclusivamente em um critério geográfico, ignorando as complexidades e diversidades étnicas presentes na sociedade. O que resultou na distinção entre americanos e europeus como os únicos grupos considerados significativos, enquanto os africanos, asiáticos e aqueles não especificados eram relegados a grupos de importância numérica menor.

Esta classificação exclusivamente geográfica deixou óbvia a mentalidade discriminatória da época, na qual as diferenças raciais e étnicas eram minimizadas ou ignoradas em favor de uma hierarquia baseada na origem geográfica. Ao excluir grupos como africanos e asiáticos, a sociedade argentina daquele período negava a existência de suas culturas, experiências e contribuições, perpetuando uma visão eurocêntrica, hegemônica, racista e colonial.

Assim, esta perspectiva limitada da classificação das nacionalidades demonstra as atitudes e crenças enraizadas na Argentina da época e na Argentina atual, que promovem a marginalização e a invisibilidade de grupos étnicos não europeus. Percebe-se claramen-

7. Em 1869, a classificação das nacionalidades parte de um critério geográfico: a distinção entre americanos e europeus, além de três grupos de menor importância numérica (africanos, asiáticos e não especificados). [...] o termo “raça” remete a considerações lingüísticas e geográficas, e é indicado que “a imensa maioria da população” pertence à raça latina, destacando que as “outras raças” constituem agregados residuais próximos a desaparecer. (Blazsek, 2012 *apud* Maidana, 2014, p.238, tradução minha).

te a valorização do Europeu e a desvalorização de qualquer outro grupo étnico.

Foram necessários séculos de luta, de apagamento, mortes, assassinatos, para que a Argentina reconhecesse a presença Africana em seu solo.

En 2010, y por primera vez en la historia estadística de nuestro país, el Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas reveló a la población afrodescendiente. Los antecedentes de indagación sobre la temática se sitúan en 1778, durante el Censo de Vertiz, en donde la Argentina todavía no estaba constituida como un país. En él, fue registrada una proporción mayor al 30% de africanos y descendientes de africanos en Santiago del Estero, Catamarca, Salta, Córdoba, Tucumán y Buenos Aires. Y aunque en 1810 se realizó un Censo de la Ciudad de Buenos Aires que preguntó sobre la cuestión, con posterioridad a esta fecha los censos nacionales no trataron el tema (INDEC, 2010; Maidana, 2014, p.238)⁸.

Os números apresentados por Indec, 2010; Maidana, 2014, na referência anterior revelam uma presença marcante da população afrodescendente em localidades como Catamarca, Salta, Córdoba, Tucumán e Buenos Aires em contraste com a noção predominante de uma Argentina unicamente branca nos dias atuais. Esta verificação desestrutura a narrativa histórica que muitas vezes ignora ou apaga a contribuição e a presença da África em solo argentino, mostrando que, no passado, essas comunidades eram partes integrantes da diversidade étnica e cultural do país com uma representação significativa em várias regiões.

Ainda sobre o trecho anterior, vale ressaltar que o censo de Vertiz⁹ (Wainer, 2010) foi um importante levantamento demográ-

8. Em 2010, e pela primeira vez na história estatística de nosso país, o Censo Nacional de População, Domicílios e Habitações levantou dados sobre a população afrodescendente. Os antecedentes de investigação sobre o tema remontam a 1778, durante o Censo de Vertiz, quando a Argentina ainda não era constituída como um país. Nele, foi registrado um percentual acima de 30% de africanos e descendentes de africanos em Santiago del Estero, Catamarca, Salta, Córdoba Tucumán e Buenos Aires. Embora em 1810 tenha sido realizado um Censo da Cidade de Buenos Aires que abordou a questão, após essa data os censos nacionais não abordaram o tema.” (INDEC, 2010; Maidana, 2014, p. 238, tradução minha).

9. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74012783008>.

fico realizado em um período histórico em que a Argentina ainda não era oficialmente considerada um país independente e tinha como objetivo principal obter informações precisas sobre a população da região que viria a se tornar a República Argentina. Na época, a região estava sob o domínio espanhol e ainda fazia parte do Vice-Reino do Rio da Prata. O censo de Vertiz foi uma iniciativa pioneira na América Latina, que teve o intuito de compreender a composição demográfica da região. O levantamento abrangeu várias áreas, incluindo a cidade de Buenos Aires e províncias vizinhas. Embora o censo de Vertiz tenha fornecido informações importantes sobre a população da região, é válido ressaltar que sua abrangência e precisão podem ter sido limitadas devido às circunstâncias da época.

No entanto, estabeleceu as bases para futuros levantamentos demográficos na Argentina e serviu como um marco importante no desenvolvimento de políticas públicas e no planejamento estratégico do país, incluindo o apagamento das populações negras que ali apareceram. A partir do censo de Vertiz, as populações de origem étnica não europeias começaram a desaparecer da história da Argentina.

Em suma, e retomando a afirmação de Bento (2022), aos brancos argentinos e aos brancos da América em geral há uma série de impactos positivos que se estendem desde a ocupação de posições de destaque, tanto no âmbito público quanto no privado, até a representação significativa nos meios de comunicação. Esses grupos também desfrutaram de condições financeiras mais favoráveis em comparação com seus pares não brancos, ao mesmo tempo em que são exaltados como exemplos de humanidade e modelo a ser seguido.

Além das mencionadas influências, um legado adicional se manifestou: um estado de amnésia em relação à vergonhosa abordagem na qual os europeus, com os quais os brancos argentinos se identificam, “conquistaram” as Américas.

Por outro lado, para os afro-argentinos e para todos os negros das Américas, a herança deixada pelo processo de colonização foi marcada pela cruel supressão histórica e pelo racismo sistemá-

tico. Grada Kilomba (2019, p.76) pontua que a fusão entre poder e preconceito é a essência do racismo, e podemos observar que essa combinação, introduzida pelos europeus, estabeleceu os fundamentos e bases sociais, culturais e por consequência linguísticas das Américas e que persistem na Argentina contemporânea.

Em suma, o apagamento da população negra nos discursos oficiais ocorreu em esferas tanto histórica quanto política e também se materializou na língua, que se tornou um espaço privilegiado para a naturalização do racismo. É sobre esse vínculo entre história e linguagem que passamos a refletir no próximo capítulo.

No capítulo a seguir, pretendo fazer um breve relato histórico da Língua Espanhola e da Afro-argentina, apresentando como foi o transplante da Língua Espanhola para a América no período colonial e apontando como o espanhol latino-americano é o resultado de múltiplos contatos linguísticos e interações culturais, marcados sobretudo pelas relações de poder.

Capítulo II

⊙ Espanhol Latino-Americano e a Afro-Argentina

Para compreender melhor a história do espanhol na América, é crucial considerar que essa língua foi transplantada para o continente americano durante o período da “colonização” europeia. Esse transplante linguístico não ocorreu de forma isolada, mas em um ambiente de ampla diversidade linguística. Assim, a chegada da Língua Espanhola envolveu uma sobreposição com as Línguas Indígenas já existentes, em um processo que não se limitou à substituição, mas resultou de interações dinâmicas entre diferentes grupos linguísticos e culturais. Segundo Fontanella de Weinberg (1992):

En efecto, el español se extiende en tierras americanas desde Estados Unidos hasta Tierra del Fuego y se ha hablado a lo largo de cinco siglos. En su amplio proceso de expansión y en tan dilatado lapso, como es lógico, ha mantenido contacto con un enorme número de lenguas, de tal modo que el complejo poblamiento de nuestro territorio tiene como correlato un complejo entramado de contactos lingüísticos (Fontanella de Weinberg, 1992, p.229).

Com a consolidação do espanhol como língua dominante em várias regiões, inevitavelmente houve a incorporação de influências das línguas nativas e de outras etnias, originando variações regionais distintas. Essas diferenças ultrapassam meras alterações de sotaque ou vocabulário. Para Fontanella de Weinberg (1992), a Língua Espanhola não chegou às Américas sem transformações. Antes mesmo de sua chegada, já havia passado por mudanças entre os próprios colonizadores, provenientes de diferentes regiões da Espanha e de outros territórios. Esse processo é descrito pela autora como koinização e rekoinização:

En nuestro caso, la rekoinización está ocasionada por la reiteración de procesos de traslación poblacional, primero en la propia Península Ibérica, en que se ponen en contacto los distintos dialectos del español entre sí y, además, con el árabe; luego, en territorio americano, en que la koiné resultante (el dialecto andaluz) participa en una nueva koinización con otros dialectos españoles; por último, en territorio americano, la nueva llegada de oleadas de migrantes puede

haber ocasionado sucesivos reciclamientos (Fontanella de Weinberg, 1992, p.46-47).

De acordo com a autora, o fenômeno da recoinização linguística manifestou-se por meio de sucessivas migrações e interações entre diferentes dialetos do espanhol. Isso demonstra que, já na Península Ibérica, a língua espanhola incorporava uma diversidade de dialetos, instaurando um processo que se estenderia ao solo americano.

Nesse contexto, o dialeto andaluz, ao interagir com outras variantes linguísticas ainda na Espanha, surge como um produto de uma koinização prévia, gerando uma nova koiné. A constante chegada de migrantes ao continente americano intensificou esse processo, resultando em ondas sucessivas de renovação dialetal e reconfigurando continuamente o panorama linguístico das Américas.

Essa influência anterior é fundamental para compreender a Língua Espanhola falada nas Américas. Entretanto, nesta discussão, focaremos nos contatos linguísticos ocorridos já em solo americano. Para isso, Fontanella de Weinberg, em seu livro *El Español de América* (1992), propõe uma classificação dos diferentes tipos de contato linguístico que contribuem para a compreensão desse panorama:

Para organizar de algún modo la densa red de relaciones existente entre el español de América y otras lenguas, podemos distinguir cuatro grandes tipos de bilingüismo, según las lenguas con las que se ha producido: el contacto con lenguas indígenas, con lenguas africanas, con lenguas inmigratorias y con otros idiomas europeos que son lenguas nacionales de países americanos (Fontanella de Weinberg, 1992, p.230).

Partindo dessa classificação, é essencial reconhecer que o primeiro contato linguístico entre o espanhol e as línguas indígenas durante o processo de colonização foi um aspecto fundamental para a evolução do espanhol no continente americano. Quando os colonizadores espanhóis chegaram, encontraram uma grande diversidade linguística, variando desde línguas amplamente faladas, como o Náuatle no México e o Quêchua nos Andes, até inúmeros dialetos locais menos conhecidos.

A interação entre o espanhol e as línguas indígenas foi influenciada por políticas coloniais e relações de poder. Com o tempo, muitas línguas indígenas foram desaparecendo, enquanto a Língua Espanhola se impunha. No entanto, essa influência não foi unidirecional: as línguas indígenas também impactaram significativamente o vocabulário e a gramática do espanhol falado na América.

Outro ponto relevante nos estudos de Fontanella de Weinberg (1992) é a teoria da koinização, baseada na ideia de Siegel (1985), que destaca que a interação entre diferentes variantes de uma mesma língua pode resultar em uma nova forma linguística, estabilizada e unificada: “Siegel considera que una koiné ‘es el resultado estabilizado de la mezcla de subsistemas lingüísticos, tales como dialectos regionales o literarios’” (Fontanella de Weinberg, 1992, p.43).

Compreender o espanhol latino-americano exige considerar esses diversos fatores históricos e sociais que influenciaram sua formação. O fenômeno da koinização e os contatos linguísticos desempenharam um papel essencial na constituição do espanhol falado na Argentina e, conseqüentemente, na América Latina, comprovando a influência da migração, da interação cultural e da diversidade na Língua.

Para compreender melhor a história do espanhol na América, é crucial considerar que essa língua foi transplantada para o continente durante a era da “colonização” europeia. Esse transplante linguístico ocorreu em um ambiente de ampla diversidade linguística e cultural. Assim, a chegada da Língua Espanhola envolveu uma sobreposição com as Línguas Indígenas já existentes e a incorporação de elementos africanos, provenientes da migração forçada de milhões de pessoas escravizadas. Esse contato linguístico não se limitou à substituição ele resultou de interações entre diferentes grupos linguísticos e culturais.

A seguir amplo a ideia da influência afro/africana na constituição do espanhol nas Américas.

⊙ Negro no Espanhol Latino-Americano

Durante os séculos de colonização europeia nas Américas, milhões de africanos foram trazidos como escravizados para o continente, principalmente para trabalhar nas minas e nas plantações. No entanto, essa é uma das teorias apontadas por fontes históricas, já que, apesar da forte presença de negros em atividades agrícolas e mineradoras, registros indicam que os africanos escravizados também desempenharam diversas funções nos centros urbanos, como artesãos, comerciantes e trabalhadores domésticos. Essa diversidade de ocupações comprova que a presença negra não se restringiu exclusivamente ao meio rural, mas teve um impacto amplo na organização econômica e social das colônias.

Além disso, essa migração forçada resultou em uma significativa influência africana na Língua Espanhola falada na América Latina. Apesar disso, essa influência foi minimizada ou apagada ao longo do tempo, especialmente em países de maioria branca. Conforme aponta Pinto (2023):

A ausência de discussão sobre a participação dos negros na constituição das diferentes variedades linguísticas do espanhol americano é resultado do apagamento histórico da relevância do negro na formação dessas sociedades. E tem como consequência, a narrativa de que as variedades americanas são a continuação direta das variedades europeias desenvolvidas em solo americano, uma perspectiva já amplamente superada na discussão da constituição do português brasileiro (Pinto, 2023, p.20).

Segundo o autor, a falta de debate sobre o papel dos negros na formação das variedades do espanhol americano oculta sua contribuição significativa e reforça a visão de que essas variedades seriam meros prolongamentos das variantes europeias transplantadas para o Novo Mundo. Entretanto, conforme discutido anteriormente, a constituição das línguas faladas nas Américas reflete diversas influências, sendo impossível ignorar as contribuições africanas.

Assim, essa falta de reconhecimento configura a forma expressiva do racismo epistêmico sustentado pelo fato de que os estudos sobre africanismos tendem a se concentrar em países onde

a presença negra foi historicamente substancial. No entanto, em nações onde essa população se tornou menos numerosa, há poucos registros, o que pode dar a falsa impressão de que não houve contato linguístico. Contudo, esse contato e influência de grupos negros africanos existiu e, mesmo não sendo amplamente reconhecido, denotando outra face do racismo epistêmico e da colonialidade, que deixou marcas profundas na constituição do espanhol latino-americano.

No caso da Argentina, foco de minha pesquisa de mestrado e produto desse livro, segundo Fontanella de Weinberg (2000), esse impacto foi menor, principalmente na região bonaerense:

Quanto aos empréstimos de origem africana, introduzidos em razão da existência de população escravizada dessa origem, também não têm uma presença importante no espanhol de Buenos Aires, dado que a região nunca foi sede das típicas instituições econômicas que concentraram um grande número de escravizados, como as plantações e a mineração. Houve um alto número de escravizados em determinadas etapas, como mostra o censo de 1778, que registra quase um terço da população como escravizada, mas estes se integravam em sua maioria à vida familiar, o que não favorecia a conservação de sua língua de origem, mas sim a assimilação linguística. (Fontanella de Weinberg, 2000, p.53, tradução minha).

No livro organizado por Fontanella de Weinberg (2000), intitulado “El Español de la Argentina y sus variedades regionales”, especificamente no artigo “El español bonaerense”, a autora argumenta que o pouco impacto das línguas africanas na Língua Espanhola falada na região de Buenos Aires deve-se ao fato de que as instituições financeiras que mantinham escravizados cativos não estavam nos grandes centros. Essa afirmação nos faz perceber como as estruturas econômicas podem influenciar a língua, seja para sua manutenção ou para seu extermínio.

Além disso, levanta outra questão relevante para reflexão, uma vez que, em 1778, o Censo de Vértiz apontou que trinta por cento da população de Buenos Aires era negra (Ghiberto, 2024). Para Pinto (2023) há entre os autores de publicações sobre a influência do negro no espanhol latino-americano uma lacuna:

Todos os autores deixam claro que a população negra esteve espalhada por um vasto território americano, inclusive em regiões onde não são mais encontradas na atualidade, como Buenos Aires, Montevidéu e Paraguai¹¹. Os negros não se restringiram às zonas rurais; pelo contrário, também ocupavam as cidades desempenhando diversas funções, inclusive realizando trabalhos domésticos. Essa configuração sociolinguística deve ter sido o fermento e o fomento de alguns processos de mudança linguística observados na América (que podem ter sido revertidos com o avanço da escolarização, por exemplo). Os autores insistem no fato de que as influências estão relacionadas com as inovações. No entanto, deixam de investigar as manutenções (Pinto, 2023, p.35).

Para o autor, a influência linguística africana no processo de formação do espanhol latino-americano, ultrapassa as delimitações geográficas tradicionalmente associadas às zonas rurais, onde a presença negra tinha um número maior devido a mineração e a agricultura, enfatizando que os negros também estavam integrados à vida urbana e assim como foram influenciados pela Língua Espanhola, também a influenciaram em sua constituição.

Essas influências linguísticas ocorreram em maior e menor grau a depender da região de análise. No caso da Argentina como um todo, a quantidade de habitantes negros foi reduzida ao longo do tempo e suas histórias apagadas de forma proposital (Ghiberto, 2024). No entanto, em regiões como o litoral colombiano, em países como Brasil e em alguns países da América central de maior peso demográfico negro, a incorporação linguística e cultural é muito mais demarcada e expressiva.

Em Cuba, por exemplo, a preservação de práticas religiosas africanas como a Santería, que mistura elementos das religiões Yoruba com o catolicismo, é um exemplo da resistência e adaptação cultural, celebrada em festivais como o “Dia de los Reyes Magos”, confirmando a influência da África na vida cotidiana. Podemos mencionar ainda o vocabulário específico dessas religiões, como “orishas” (deidades) e “babalawo” (sacerdote), que é um indicativo da preservação da herança linguística africana. Para Fontanella de Weinberg:

O contato do espanhol com diferentes línguas africanas, como consequência da introdução de população escravizada dessa origem, resultou na inserção de um certo número de empréstimos lexicais dessa procedência, que, obviamente, é maior nas regiões em que essa população tem um peso demográfico marcante, tais como as Antilhas e a região costeira da Colômbia, por exemplo. Até mesmo em alguns países como Cuba, perdeu, junto com ritos procedentes de religiões africanas, o correspondente vocabulário próprio das línguas de origem. (Fontanella de Weinberg, 1992, p.170-tradução minha)

Em consonância com as afirmações da autora, na Colômbia, particularmente nas regiões costeiras do Pacífico e do Caribe, a presença histórica de comunidades afro/africanas é mais proeminente. Vale ressaltar que esta influência não se limitou à música e a comida como costumeiramente ouvimos. Em países de maioria branca, a influência negra na formação linguística foi minimizada, ignorada ou lembrada apenas em contextos considerados negativos. Além disso, há uma demonização de aspectos relacionados à cultura negra enquanto práticas de racismo e epistemicídio.

No próximo capítulo, apresento a linguagem como um sistema simbólico que vai muito além da comunicação, estando intrinsecamente ligada à cultura, à representação e à construção de identidades. Partindo das ideias de Hall (2016) entendo que o sentido não é inerente às coisas ou palavras, ele é socialmente construído por meio de sistemas de representação e códigos culturais. Discuto, assim, que moldam “mapas conceituais” que permitem a tradução de conceitos em linguagem moldam as expressões racistas na Argentina e são resultado de convenções culturais que naturalizam significados historicamente fixados.

Linguagem, Representação, Cultura e Racismo

Para pensar a linguagem na dimensão que pretendo, os estudos de Hall (2016), em seu livro *Cultura e Representação*, auxiliam na composição dessa reflexão, pois, ao (tentar) transpor esses estudos para o uso da linguagem racista utilizada na Argentina, procuro de-

envolver o entendimento da linguagem como uma força que vai além do mero ato de comunicar, sendo e estando intrinsecamente ligada à cultura, à representação e à formação de identidades individuais e coletivas. Assim, esta breve discussão visa explorar as perspectivas da abordagem de Hall (2016) para ampliar nossa compreensão da linguagem e da representação em seu contexto mais amplo e significativo. Para o autor e em consonância com o que pretendemos neste texto:

[...] reconhece o caráter público e social da linguagem. Ela atesta que nem as coisas nelas mesmas, nem os usuários individuais podem fixar os significados na linguagem. As coisas não significam: nós construímos sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos. [...] Nós não devemos confundir o mundo material, onde as coisas e pessoas existem, com as práticas e processos simbólicos pelos quais representações, sentido e linguagem operam (Hall, 2016, p.48).

Assim, para compreender o poder simbólico da linguagem e determinar que ela é racista, fez-se necessário ancorar esta discussão nos pensamentos de Hall (2016), e delinear a percepção acerca de como atribuímos sentido às coisas. Vale ressaltar que, para o autor, sentido não é uma propriedade intrínseca de um objeto ou de uma entidade, é algo que nós atribuímos às coisas com base em nossas experiências, interpretações e sistemas de significado. Assim,

O sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos nas palavras. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso conceitual e nossa linguagem [...] (Hall, 2016, p.41-42).

Dessa forma, podemos entender que o significado das palavras e expressões de cunho racistas utilizadas pelos falantes da Argentina fazem parte de uma construção cultural moldada pelo contexto, pelas intenções do falante e pelo entendimento do ouvinte, já que tanto como ouvintes, quanto como falantes desempenhamos um papel fundamental na criação e na fixação do

significado das palavras, ou, como afirma Hall, “[o] leitor é tão importante quanto o escritor na produção de sentido. Todo significativo dado ou decodificado com significado tem que ser significativamente interpretado ou decodificado pelo receptor” (Hall, 1980, *apud* Hall, 2016, p.61).

Ao longo do tempo, as interpretações e representações se tornam tão arraigadas na mente que parecem ser a única maneira de entender as coisas.

Assim, ao fixar arbitrariamente as relações entre nosso sistema conceitual e nossos sistemas linguísticos (note-se, linguístico em um sentido amplo), os códigos nos possibilitam falar e ouvir inteligivelmente, e estabelecer uma “tradutibilidade” entre nossos conceitos e nossas línguas. Isso permite que o sentido passe do enunciator ao ouvinte e seja efetivamente comunicado dentro de uma cultura. Essa “tradutibilidade” não é dada pela natureza ou fixada pelos deuses, mas é criada socialmente e na cultura, como resultado de um conjunto de convenções sociais (Hall, 2016, p.42).

Ainda, segundo Stuart Hall, “[...] a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados que só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem” (Hall, 2016, p.16). Esse sentido contido em tudo que é relativo ao negro é comum culturalmente ao povo Argentino.

Em resumo, apropriando-me das palavras de Hall (2016), o sentido não é apenas atribuir significados arbitrários às coisas, mas também está enraizado em nossos sistemas de representação. Nós categorizamos, classificamos e organizamos informações de acordo com nossos sistemas culturais e sociais. Esses sistemas de representação influenciam profundamente como percebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor. Podemos entender o sentido como uma construção humana, que vai além das palavras e objetos em si e implica que o significado pode ser flexível e sujeito a mudanças à medida que nossa compreensão evolui.

Portanto, para que este sentido tenha significado comum entre os falantes, é necessário que eles compartilhem entre si formas similares de interpretação. Dentro de uma determinada cul-

tura, as pessoas crescem absorvendo, de maneira muitas vezes imperceptível, um conjunto de normas, valores, crenças e significados. Esse processo de socialização resulta na formação de um “mapa conceitual” (Hall, 2016), que pode ser compreendido como uma estrutura mental que organiza e dá sentido ao mundo ao redor. Assim, indivíduos que pertencem à mesma cultura tendem a desenvolver mapas conceituais que, embora possam ter suas compreensões individuais, possuem muitas semelhanças em sua essência coletiva. Para Hall,

[...] não podemos, contudo, comunicar esse sentido sem um segundo sistema de representação – a linguagem, que consiste em signos organizados em várias relações. Os signos, por sua vez, só podem transportar sentidos se possuímos códigos que nos permitam traduzir nossos conceitos em linguagem – e vice-versa. Esses códigos, que são cruciais para o sentido e a representação, não existem na natureza, mas são o resultado de convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa cultura – nossos “mapas de sentido” compartilhados – que aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela nos tornamos membros (Hall, 2016, p.54).

Por fim, para o autor e para a ideia que aqui tento delinear, a linguagem não é apenas um conjunto de palavras ou signos isolados; cada palavra ou signo carrega consigo um peso de significados, sentidos e conotações. Assim, quando falantes de uma mesma cultura se comunicam, eles não estão apenas trocando palavras, mas todo um conjunto de significados e interpretações que essas palavras carregam em seu contexto cultural. Em outras palavras, para que haja uma troca de informações, emoções ou ideias efetivas e um intercâmbio de sentidos, é fundamental que os sujeitos envolvidos compartilhem um entendimento semelhante dos signos que estão sendo usados na comunicação.

Colonialidade e Racismo Linguístico

FIGURA 1 – Me Estas Cargando?



FONTE: CNNbrasil

A linguagem é um dos principais dispositivos de sustentação das hierarquias raciais impostas historicamente pela colonialidade. Nascimento (2019), em sua obra *Racismo Linguístico: Os Subterrâneos da linguagem e do racismo*, alerta para os modos sutis e, ao mesmo tempo, perversos pelos quais o racismo se infiltra nas práticas comunicativas cotidianas. O autor define a língua “como uma marca de dominação e por onde também se dá a figura estruturante do racismo” (2019, p.17). Para além da gramática normativa ou da variação linguística, o racismo linguístico atua na construção simbólica de sujeitos considerados inferiores ou não pertencentes a uma suposta norma universal, branca, eurocentrada e hegemônica.

Gabriel Nascimento (2019) na sessão “a língua tem cor? ”, contribui como ponto de inflexão para pensarmos a articulação entre linguagem, poder e racialidade no contexto latino-americano. O autor argumenta que, embora nenhuma língua possua cor “em si”, a língua, ao ser politizada, torna-se um espaço carregado de marcações raciais, de classe, de gênero e de sexualidade. A partir dessa concepção, a língua não pode ser compreendida como um território neutro ou meramente comunicativo, mas como um campo em

disputa, atravessado por relações assimétricas de poder que remontam à colonialidade, aqui conectada aos estudos de Mignolo (2017).

Essa leitura é essencial para compreendermos o racismo linguístico como algo estruturante das interações sociais e, especificamente, das manifestações discursivas em plataformas digitais como o Facebook, Instagram e outras agora em ascensão. Minha dissertação de mestrado, que dá base para esta discussão, dedicou-se a investigar expressões racistas proferidas por usuários argentinos nas redes sociais, trazendo à luz como a linguagem funciona enquanto veículo de inferiorização, exclusão, manutenção do racismo epistêmico e de hierarquias racializadas. As expressões analisadas, embora proferidas em um país que historicamente apagou sua população negra, estão impregnadas de colonialidade que se sustenta na linguagem para reproduzir e sustentar narrativas de superioridade e desumanização do outro.

Nascimento (2019), com respaldo em Bakhtin (1997), afirma que a língua é sempre habitada por sujeitos historicamente situados, os quais não ocupam posições simétricas na sociedade. Essa assimetria se reproduz de forma evidente no contexto argentino, onde a negação histórica da presença negra se une à reprodução de discursos racializados. Um exemplo disso pode ser observado em um episódio recente de racismo, no qual um torcedor argentino imitou um “macaco” ao se dirigir a um brasileiro: de pele branca. O que torna esse episódio ainda mais significativo e também paradoxal, é o fato de a ofensa ter sido proferida por um sujeito de pele escura e traços negros, ou seja, alguém que, embora vivencie a exclusão racial em seu próprio corpo, reproduz discursos que reiteram a lógica do racismo e da desumanização, esse seria tema para outro livro.

No entanto o que quero dizer é que esta contradição nos convida a uma reflexão mais profunda sobre os efeitos da colonialidade na constituição do sujeito latino-americano. A língua, como nos alerta Nascimento (2019), é um lugar de muitas dores. Ela carrega os vestígios de um passado colonial que ainda estrutura o presente, moldando modos de nomear, de insultar e de representar o outro. A expressão “macaco”, por exemplo, carrega uma história de animalização do corpo negro, utilizada sistematicamente para

desumanizar e justificar violências. Quando utilizada por sujeitos negros, essa expressão é mais violenta, ainda que possa ser compreendida como um reflexo da internalização do discurso colonial e do desejo, muitas vezes inconsciente, de afastar-se da própria negritude, ela deixa óbvia a marca do colonialismo na memória coletiva individual e na construção das identidades racializadas.

A partir disso, é possível compreender a linguagem como um espaço de conflito, se por um lado, ela é instrumento de opressão, por outro, também pode ser um território de resistência e ressignificação. Nascimento (2019), particularmente me desafiou a pensar a língua não apenas como reflexo, mas como produtora de relações de poder, capaz de constituir subjetividades e identidades. É por meio da língua que se racializa, mas também é por meio dela que se pode insurgir contra as estruturas racistas que moldam o pensamento moderno.

No contexto da Argentina, país que se construiu imaginariamente como “europeu” na América do Sul, a negação da presença negra contribuiu para a consolidação de um discurso nacional homogêneo e excludente. Contudo, as expressões analisadas nas redes sociais revelam que o racismo permanece latente, manifestando-se através da linguagem, mesmo em ambientes onde a negritude foi historicamente apagada. Assim, o que está posto aqui não é apenas a escolha desta palavra ou de outra, mas os sistemas de pensamento que as sustentam e que continuam a estruturar as relações sociais, culturais e linguísticas dos países latino-americanos.

Para Nascimento (2019), a língua não é uma estrutura fixa ou neutra: ela se move e se transforma, e também carrega marcas profundas dos projetos de dominação. Se pensarmos de maneira hegemônica, como aponta o autor, a língua insere no pensamento, para além do significado das coisas as situações relacionais que estruturam os sujeitos e os sistemas de poder. Ao produzir dicotomias como negro/branco, civilizado/selvagem, bom/ruim, a língua reflete e refrata¹⁰ os projetos de dominação modernos. Essa ideia de “refração”, herdada de Bakhtin, indica que a lin-

10. Estou afirmando que a língua não reflete o mundo de forma direta ou transparente, mas sim o distorce, o molda, o reorganiza conforme os interesses, ideologias e posições sociais dos sujeitos que a utilizam.

guagem transforma aquilo que nomeia, segundo os interesses e posicionamentos ideológicos dos sujeitos que a utilizam. É nesse processo que se constroem os sentidos e se sustentam as desigualdades. Contudo, essas dicotomias também oferecem margens para a luta, ao nomear, é possível reivindicar; ao significar, é possível resignificar.

Nascimento (2019) retoma pensadores como Aimé Césaire, Achille Mbembe e Frantz Fanon para lembrar que o signo da raça é também signo de opressão, mas que os sujeitos racializados, ainda que submetidos à colonialidade, não se mantiveram passivos. Ao contrário, também atuaram, tencionaram e resistiram, inclusive por meio da linguagem.

Por isso, ao analisarmos expressões racistas proferidas por argentinos, inclusive por sujeitos de pele escura, como o caso que apresentei inicialmente, estamos diante de manifestações que reproduzem, sustentam e atualizam projetos coloniais inscritos na linguagem. A linguagem, nesse caso, é, além do meio pelo qual se expressa o preconceito, também o próprio terreno de produção da desumanização de si próprio, o espaço em que se constroem sentidos racializados que foram naturalizados ao longo de séculos de dominação colonial e agora vemos na imagem que abre este diálogo.

O episódio recente em que um torcedor argentino, de pele escura e traços negros, imita um macaco ao se dirigir a um torcedor brasileiro branco evidencia como a linguagem verbal, corporal e simbólica atua como significado de hierarquização racial. Esse gesto reinscreve, linguisticamente, a lógica da colonialidade, reativando a associação entre a imagem do macaco e a figura do negro, neste contexto um brasileiro que na visão dos argentinos se assemelham a um macaco. Especificamente neste caso o sujeito que imita o macaco tem a pele escura e se quer pensou nisso, outro reflexo do apagamento da história negra na Argentina que fica evidente nesta imagem (Imagem 1): a falta de reconhecimento de si próprio e a reprodução do racismo que estrutura a sociedade. Há uma construção social da branquitude que nos desconstrói enquanto sujeitos no mundo e faz com que acreditemos ser o que não somos e esquecer o que realmente somos.

O gesto desse torcedor nos mostra como estruturas de poder nos colocam em um lugar ilusório e como instrumento de alienação racial, nos faz achar que pertencemos a lugares racializados que não são nossos. Daí a colonialidade, enquanto lógica persistente de classificação e hierarquização dos corpos, entra em ação, fica visível. Ela criou as categorias raciais, operou uma profunda negação do pertencimento negro em diversos países latino-americanos, no caso da Argentina, que é o foco dessa discussão e onde o mito da branquitude nacional foi politicamente construído e reiterado por meio de discursos oficiais, educacionais e midiáticos e o qual muitos sujeitos negros não se reconhecem como tais, e, ao interiorizarem discursos racistas, tornam-se reprodutores da lógica que também os oprime. Entretanto, é fundamental destacar que nem todas as pessoas não brancas na Argentina pensam, agem ou se posicionam dessa maneira, tampouco deixam de se reconhecer enquanto sujeitos racializados. As experiências são diversas e atravessadas por múltiplos fatores sociais, históricos e subjetivos.

Além disso, embora a colonialidade seja um conceito central para compreender a produção e a reprodução das hierarquias raciais, ela não é capaz de explicar, de forma isolada, a totalidade dessas dinâmicas. Ainda assim, desempenha um papel significativo na manutenção e naturalização de práticas e discursos racistas.

Portanto, o racismo não se sustenta apenas em quem o profere, mas sobretudo nos sentidos que circulam social e linguisticamente como verdades naturalizadas. A linguagem, nesse sentido, não é neutra: ela estrutura formas de ver, de nomear e de existir.

Segundo Nascimento (2019), a língua tem cor porque é politizada; ela carrega consigo os marcadores da colonialidade, funcionando como tecnologia de poder que define quem é sujeito e quem é coisa, quem é humano e quem é animalizado, quem merece a dignidade da escuta e quem é reduzido ao silêncio ou ao deboche. Assim, quando o insulto racial é proferido por alguém também racializado, o que está em pauta não é só o conteúdo da ofensa, mas a utilização da linguagem como reprodutora de um imaginário colonial que fragmenta identidades e impede o reconhecimento de si mesmo.

Em diferentes momentos da minha trajetória, vi-me atravessada por situações em que sujeitos negros me silenciaram, ignoraram ou colocaram em dúvida a minha capacidade intelectual. Um desses episódios ocorreu recentemente, durante uma reunião. A mesa era composta quase integralmente por pessoas brancas; além de mim, apenas mais uma pessoa negra a integrava. Apesar de não me sentir à vontade para falar — sentimento recorrente em espaços marcados por hierarquias raciais e acadêmicas —, decidi solicitar a palavra. Ao me equivocar na pronúncia da forma plural de campus (campi), percebi risos abafados, inclusive por parte da única outra pessoa negra presente. Minha intervenção foi ignorada e o tema que levantei sequer foi retomado. Senti-me, mais uma vez, silenciada. Desde então, venho me perguntando: se minha pele fosse branca, teria sido alvo do mesmo desrespeito?

Esse episódio, embora pessoal, mostra com nitidez a forma como a linguagem opera como marcador de pertencimento e exclusão, mesmo e, talvez sobretudo, em espaços que se pretendem de luta antirracista. A escolha lexical, a forma gramatical, a pronúncia e até mesmo a hesitação na fala tornam-se critérios de validação da legitimidade de quem fala. Nascimento (2019) nos alerta que o racismo linguístico não se restringe à criminalização dos falares populares ou à correção gramatical imposta a falantes não padrão; ele atua também por meio da deslegitimação simbólica de quem fala “fora do lugar” socialmente aceito. Nesse caso, o riso abafado e o desvio do olhar funcionam como enunciados de exclusão: silenciam, ridicularizam e desautorizam.

A colonialidade do poder, como propõe Quijano (2005), não se limita à exploração econômica ou ao domínio político, ela também se enraíza na linguagem e define quem pode falar, como deve falar e em que contextos sua fala será validada. A interdição da palavra, especialmente quando dirigida a uma mulher negra, revela a persistência das estruturas coloniais nas formas contemporâneas de sociabilidade e de produção de saber. O silenciamento ocorrido na reunião, inclusive com a participação de uma pessoa negra, deixa óbvio que a colonialidade não atua apenas de fora para dentro, mas se infiltra nos corpos racializados, moldando subjetividades que,

muitas vezes, reproduzem os mesmos mecanismos de opressão aos quais estão submetidos.

Essa violência simbólica, sutil e cotidiana, opera como dispositivo de manutenção do epistemicídio e da subalternização racial. Muitos podem dizer que foi exagero meu, então, sugiro refletir sobretudo sobre suas ações quando direcionadas a sujeitos racializados.

A linguagem, nesse sentido, é território de disputa: quem domina a norma, o tom, a cadência e o vocabulário “aceitáveis” controla também as possibilidades de existir discursivamente no espaço público. Questionar essas formas de silenciamento e expô-las, como faço aqui, é uma forma de insurreição discursiva. É reivindicar o direito de ocupar o espaço da palavra, com todas as variações, hesitações e marcas que constituem a minha história, minha raça, minha classe e meu gênero. E, sobretudo, é reafirmar que a língua, ainda que colonizada, pode ser também um lugar de resistência, como aponta Nascimento (2019).

Portanto, o que tento explicar aqui é que esses enunciados não nascem do acaso ou da ignorância individual, mas estão enraizados em estruturas históricas que atravessam o corpo e a língua.

A colonialidade, nesse caso, é um movimento vivo que continua a operar por meio das palavras, dos gestos e das formas de nomear o outro. Sendo assim, questionar essas expressões e analisar criticamente sua circulação é também disputar o próprio sentido da linguagem, bem como abrir espaço para que ela deixe de ser instrumento de dominação e se transforme em campo de resistência e Reexistência.

Logo, se a linguagem é um campo de disputa simbólica, ela revela com ainda mais força sua dimensão racista nos espaços digitais. Nas redes sociais, onde o discurso circula com rapidez e grande alcance, expressões historicamente violentas são reiteradas e ganham novas formas de legitimação. No próximo capítulo, analisamos essas manifestações no contexto argentino. Para tanto, apresento algumas imagens retiradas da rede social “Facebook” e faço uma breve análise acerca na normalização do racismo na Argentina.

Capítulo III

“Mi solución:
matarlos y castrar a las negras”

Termos e Expressões Racistas

A Língua Espanhola, conhecida na Argentina como castelhano, foi influenciada por diversos grupos étnicos e culturais que contribuíram para a formação social do país. Entre essas influências, destaca-se a da população negra. No entanto, muitas palavras de origem afro, presentes no castelhano argentino, carregam conotações pejorativas. Pelo viés da teoria do “pacto narcísico da branquitude” (Bento, 2022), podemos sugerir que, na Argentina, há uma resistência em refletir criticamente sobre o uso da linguagem. Há um silenciamento que contribui para a perpetuação de expressões e palavras com teor racista. Se a língua é um reflexo da sociedade, poderíamos dizer que o castelhano/espanhol falado na Argentina carrega fortes tons de branquitude.

Seguindo essa linha de pensamento, e entendendo que os sujeitos por trás da língua são quem a constitui, Maffia e Tamagno (2014) apontam que as representações dos afro-argentinos nunca foram vistas com “bons olhos”, já que o imaginário construído sobre os negros na Argentina está intimamente ligado ao período escravocrata. Esse imaginário está fortemente enraizado nas práticas e nas representações sociais, sendo transmitido de pai para filho. Sobre os negros, pouco ou nada se fala — apenas se repete que “aqui não há negros”, e os poucos que havia foram “devolvidos aos seus lugares” após a abolição. Essa fala, eu mesma ouvi de pessoas argentinas por inúmeras vezes.

Eliminar a história do negro, apagar qualquer vestígio de sua participação social, inculcar na mentalidade da população a não existência de pessoas negras: tudo isso foi parte de um projeto político, cultural e econômico que funcionou por um longo tempo. O que as pessoas brancas não esperavam é que um movimento convergente abrisse essa cortina e trouxesse à luz a discussão sobre o racismo, inserindo um espelho diante de cada argentino e demonstrando o quão racistas são.

Para citar um exemplo dos termos e expressões preconceituosos utilizados na linguagem, partiremos da palavra “negro” e, posteriormente, de suas expressões subjacentes, como “negro de mierda” e “trabajar como negro”. Também analisaremos o termo

“quilombo” — todos eles comuns ao cotidiano linguístico argentino. Essas expressões são direcionadas a pessoas, profissões e empregos considerados, de forma ignorante, “subalternos”; a alguém que comete algum tipo de crime, que está nervoso ou teve um dia ruim. No caso da palavra “quilombo”, ela é utilizada como sinônimo de bagunça. Entendo que, na Argentina, essa palavra assume um significado diferente já em sua inserção na Língua Espanhola falada na região do Rio da Prata.

A colonialidade, além de dizimar nações africanas, traficar pessoas de forma involuntária, apagar histórias e culturas, nos obriga a ter que provar todos os dias que temos uma história e que ela é viva e dinâmica.

Nesta seção, faço a apresentação da análise que desenvolvi em minha dissertação de mestrado (Ghiberto, 2024). Para tanto, apresento algumas palavras que mudaram seu sentido original, com base em postagens na rede social Facebook. A pesquisa foi realizada por meio da busca da hashtag (#) e de expressões racistas, utilizando a ferramenta de pesquisa (lupa) da referida rede, com delimitação geográfica na Argentina. O intuito foi comprovar que, na Língua Espanhola falada na Argentina, o racismo serve como pano de fundo para justificar atitudes discriminatórias contra pessoas negras.

Negro: Discursos de Ódio nas Redes Sociais

As redes sociais e seu advento trouxeram uma série de transformações na maneira como nos comunicamos, interagimos e nos posicionamos no mundo. No entanto, além de ser uma ferramenta para conectar pessoas e compartilhar ideias, as elas também têm sido palco de manifestações de ódio, racismo e outros preconceitos. Ao me debruçar sobre manifestações como as que seguem, tento reconhecer e delinear a complexidade do problema do racismo no meio digital, dentro do contexto argentino. Confesso que desenvolver essa pesquisa causou-me uma dor imensa, que foi apaziguada no capítulo que apresento os movimentos de resistência que perduraram ao longo dos séculos.

Conforme dito anteriormente, o termo “negro” abre essa análise, e para situar meu leitor àquilo que pretendo discutir adiante explico o termo com base em Mendes (2022). Este termo nada tinha a ver com a significação atual, no contexto argentino, a origem etimológica da palavra remonta ao latim “niger”, que simplesmente se referia à cor preta. Segundo Mendes (2022),

Etimologicamente, a palavra é derivada do latim “niger”, o que significa preto como uma cor, sem qualquer forma pejorativa. Segundo Godefroy (1888), a palavra “nègre ou nigre” – (preto) – apareceu no francês antigo no século XVI para designar a cor preta [...], para designar pessoas de cor preta; o termo será levado de 1529 para a palavra espanhola “negro, preto” (Mendes, 2022, p.21).

Deslocando-nos para o contexto argentino, percebe-se que a carga semântica dada pelo colonialismo está intrinsecamente ligada à escravização. O deslocamento do sentido da palavra “negro” é resultado da formação histórica e cultural da sociedade argentina e comprova que a língua em si, não é racista, mas sim, os sujeitos por trás dela. Hall (2016) já apontou e foi mencionado aqui nesta discussão que a linguagem não é apenas um conjunto de palavras ou signos isolados. Ainda, segundo Mendes (2022):

Sem dúvida, a palavra “negro” tem sido atribuída às populações africanas subsaariana e da costa oeste e, seus descendentes na diáspora, reduzidos à escravidão. O substantivo assumiu ao longo do tempo uma conotação pejorativa e racista, influenciada pelos portugueses e outros colonialistas europeus, que a adotaram e transportaram para suas colônias. Intrinsecamente ligada a história de escravidão, colonização e capitalismo primitivo escravista, o termo “negro” tem servido de radical para palavras relativas ao tráfico de cativos africanos, chamado de “traite négrière” – tráfico de escravos negros – e os meios de transporte chamados de “navires négriers” – navios negreiros (Mendes, 2022, p.21).

É evidente que há uma interação entre linguagem e cultura que comprova que as palavras não são meros signos ou símbolos; elas são vivas, em constante transformação, absorvendo e refletindo os valores das sociedades em que são usadas. Sendo assim, com-

preender a trajetória histórica e semântica da palavra é essencial para analisar a forma como a palavra “negro” é empregada no presente, especialmente no contexto argentino. O vocábulo foi sendo revestido de significados que extrapolam a descrição fenotípica, tornando-se um marcador social de desprezo, exclusão e violência simbólica. No imaginário argentino, alimentado por discursos marcado por uma herança colonial que negam a presença negra no país, o uso do termo demonstra as estratégias discursivas de manutenção de uma identidade hegemônica nacional branca e europeizada.

Os usuários da linguagem, nesse sentido, não estão atuando de maneira inocente: ela, a linguagem, reproduz e reforça desigualdades, tornando-se um uma ferramenta de perpetuação do racismo sistêmico. É nesse cenário que se insere a análise das redes sociais como espaço de circulação de discursos de ódio, nos quais o termo “negro” e suas derivações são mobilizados para desqualificar, inferiorizar e desumanizar sujeitos negros.

A palavra “negro” e seus subjacentes, no contexto argentino, trazem consigo uma conotação pejorativa e violenta, uma espécie de poder simbólico (Bourdieu, 2007) que permeia a linguagem racista e seu usuário. Hall (2016) contribui com uma análise precisa sobre como a estereotipagem opera na manutenção da ordem simbólica imposta socialmente:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles (Hall, 2016, p.192).

Segundo a afirmação de Hall (2016) há no uso da linguagem o intuito da comunicação, mas também, uma demonstração de poder e dominação. Dentro desse contexto, a utilização do termo “negro” pode ser interpretada como a manifestação desse poder simbólico, seu uso não é neutro, ao contrário, carrega séculos de marginalização, estereotipização e exclusão.

Nesse processo de construção simbólica, a linguagem tem papel central na produção e disseminação de estereótipos que organizam o mundo social a partir de dicotomias hierarquizantes. Quando determinadas palavras são mobilizadas para classificar sujeitos racializados, o que se observa é a criação de uma lógica binária entre o que é considerado aceitável e o que deve ser marginalizado. No caso argentino, por exemplo, o uso reiterado de expressões como “negro de mierda” ou “trabajar como um negro”, demarcam essas fronteiras sociais e raciais, aqui analisadas pelo viés das redes sociais.

Para comprovar a linguagem racista no contexto virtual argentino, analisaremos a seguir postagens e publicações feitas por usuários na rede social Facebook. A pesquisa foi feita com base nos termos de interesse desta pesquisa por meio da ferramenta “Lupa” na rede social.

A postagem que segue foi retirada da página argentina “Me estas Cargando?”, que em tradução livre pode ser entendida como “Você está de brincadeira comigo? (tradução minha). A página foi criada em 30 de março de 2015 e conta com mais de 700 mil curtidas e 11 mil seguidores.

Após a identificação inicial e em razão das várias postagens na página, algumas postagens relevantes foram destacadas. Elas foram escolhidas com base em critérios como: relevância para o tema de estudo e o contexto no qual os termos foram usados. As datas de coleta desses dados foram entre 2022 e 2023, as publicações escolhidas foram postadas entre 2015 e 2021. Outras páginas, comentários e postagens também compõem a análise aqui presente.

Poder Simbólico

Há, na frase da postagem que segue, uma demonstração de poder simbólico, de banalização da violência, uma tentativa de superioridade explícita que reduz o outro à sua origem étnica, desprestigiada pela sociedade hegemônica, própria criadora do racismo.

FIGURA 2 ¹¹ – Me Estas Cargando?



FONTE: [Facebook](#) (2015).

A publicação em questão recebeu cinquenta e cinco curtidas e cinco compartilhamentos, e fornece uma visão das profundas e enraizadas narrativas raciais presentes na Argentina. Para melhor compreender essa postagem, Hall (2016) corrobora a ideia que aqui tento construir:

[...] a estereotipagem tende a ocorrer onde existe enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com Dyer, é o etnocentrismo “a aplicação das normas da própria cultura para a dos outros” (Brown, 1965: 183). Novamente, lembre-se do argumento de Derrida: entre oposições binárias como Nós/ Eles, “não estamos lidando com (...) uma coexistência pacífica (...) mas sim com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos governa (...) o outro, ou tem a primazia” (Derrida, 1972, p. 41, *apud* Hall, 2016, p.193).

11. “Se você vê um negro brigando sozinho sem uma arma branca, por favor tire uma foto, isso não se vê todos os dias.”

A mensagem é construída a partir de estereótipos prejudiciais e generalizações sobre a comunidade negra e perpetua ideias racistas ao reforçar o estereótipo do “negro agressivo”, ao mencionar que há um “negro brigando sozinho”. Trata-se de uma alusão à ideia de que pessoas negras são, por natureza, violentas ou impulsivas. Essa generalização alimenta o racismo e fomenta um medo irracional contra a população negra.

Ao dizer “sem uma arma branca”, a publicação sugere que é comum que pessoas negras portem armas quando estão em conflito. Esse tipo de construção linguística reforça o estigma do negro perigoso, alinhado a discursos que associam a negritude à criminalidade. Soma-se a isso a ideia de exotização, presente na frase “isso não se vê todos os dias”, que busca tornar anormal a cena de uma pessoa negra que não está armada ou envolvida em violência.

Para Hall (2016),

O estabelecimento da normalidade (ou seja, o que é aceito como “normal”) através de tipos sociais e estereótipos é um aspecto do hábito de grupos de decisão (...) que tentam moldar toda a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistema de valores, sensibilidades e ideologia. Essa concepção de mundo está tão clara para esses grupos, que fazem com que ela pareça (como realmente parece para eles) “natural” e “inevitável” para todos e, na medida em que têm sucesso nessa empreitada, eles estabelecem sua hegemonia (Dyer, 1977, p. 30 *apud* Hall, 2016, p.193).

Para o autor e para a ideia que tento transpor aqui nestas linhas os grupos dominantes, a branquitude, detentores dos meios de produção simbólica, constroem e disseminam padrões sociais, estéticos e comportamentais que passam a ser tomados como universais e inquestionáveis. Ao estabelecerem uma visão de mundo como parâmetro de normalidade, esses grupos impõem valores que excluem as diferenças, as classificam e hierarquizam. O que é diferente do modelo hegemônico, branco, europeu, cisgênero, heteronormativo e de classe alta, passa a ser visto como anormal, desviante ou inferior.

No contexto argentino, esse processo é particularmente visível na forma como a população negra é representada, ou melhor,

não é representada é apagada, nos discursos institucionais, nos currículos escolares e nos meios de comunicação. A negação da presença negra na Argentina faz parte de um projeto de omissão histórica, resultado direto dessa lógica hegemônica que constrói a ideia de uma Argentina homogênea, branca e europeia, enquanto relega a negritude ao lugar do exótico, do perigoso, do indesejado.

É nesse cenário que a estereotipagem, dita por Hall (2016) atua com mais força: ao naturalizar representações negativas de sujeitos racializados, como o “negro violento” ou o “negro incivilizado”, ela reitera e legitima as estruturas de exclusão. Tais estereótipos, cumprem uma função política ao delimitar quem pertence e quem deve ser mantido à margem. Ao tornar essas classificações simbólicas aparentemente naturais e inevitáveis, os grupos hegemônicos consolidam seu domínio e perpetuam a desigualdade racial sob o disfarce da normalidade.

A frase analisada, na postagem anterior, para além de ser um enunciado de humor racista é um disparo simbólico, uma violência revestida de piada, que atravessa o corpo, o pensamento e a memória. Ler essa frase, analisá-la, escavá-la em suas camadas mais profundas foi, para mim, um exercício de dor. Fui atingida de várias formas: como mulher negra, como pesquisadora, como alguém que se recusa a aceitar o riso como disfarce da brutalidade e da violência. Ela me feriu porque não é só uma frase inocente, uma piada boba, é o reflexo de um sistema que naturaliza a desumanização, que transforma vidas negras em caricaturas da violência e da exceção. É nesse lugar de incômodo que escrevo: com a ferida exposta, mas com a convicção de que olhar para ela é parte do enfrentamento necessário.

Racismo e Classe: Negro Pobre

A postagem a seguir retirada da mesma página da postagem anterior, conta com sete curtidas e foi postada em abril de 2017. A frase da postagem exemplifica outro tipo de violência simbólica: a que associa racismo e classe. Para Bordieu (2007), os sistemas simbólicos operam como instrumentos de imposição e legitimação de poder, assegurando a dominação de uma classe so-

bre outra. Isso se dá pela linguagem e esta atua como estrutura de violência simbólica.

FIGURA 3¹² – Me estas Cargando?



FONTE: Facebook (2017)

A frase, além de racista, faz interseccionalidades entre racialização e estigmatização de classe. A combinação dos termos “negro” e “pobre” na mesma expressão reforça uma associação histórica e estrutural que posiciona corpos negros como naturalmente vinculados à marginalidade social. Essa construção simbólica, amplamente reproduzida no senso comum, funciona como uma forma de violência simbólica que legitima a exclusão e a inferiorização de sujeitos negros, desconsiderando os fatores históricos que produziram a desigualdade racial e econômica na Argentina. Para Bordieu (2007),

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas, reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. Elas podem conduzir esta luta quer diretamente, nos conflitos simbólicos da vida cotidiana, quer por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção sim-

12. “Sabias que se permaneceres no escuro por três dias é porque não pagastes a luz, negro pobre.”

bólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (cf, Weber), quer dizer o poder de impor – ou mesmo de inculca- instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários- embora ignorados como tais- da realidade social (Bourdieu, 2007, p.11 e 12).

Sendo assim, ao considerar o racismo como uma forma de violência simbólica, entendemos que, para além de atuar como forma de preconceito individual, ele estrutura e naturaliza a desigualdade racial, construída na Argentina. Essa naturalização se sustenta, em parte, pela inculcação de esquemas arbitrários de percepção social, como a associação entre negritude, pobreza e criminalidade, que embora arbitrários tornam-se invisíveis ao senso comum justamente por seu poder de se apresentar como neutros e/ou naturais.

Nesse contexto, a classe dominante ou as frações dominantes, de diferentes classes, busca impor uma definição do mundo social que reforce sua posição de privilégio. Essa definição é frequentemente racializada. O racismo, nesse sentido, opera como produto de exclusão de sujeitos negros, tanto do acesso a bens materiais, como da desqualificação simbólica de sua humanidade, saberes, culturas e corpos. A associação pejorativa entre “negro” e “pobre” é um marcador simbólico que contribui para reproduzir e manter, de forma transfigurada, as desigualdades estruturais.

Essa lógica é perpetuada tanto nos discursos cotidianos quanto pelas instituições e pelos especialistas da produção simbólica, como professores, jornalistas, artistas, escritores e outros formadores de opinião. A mídias digitais, os sistemas educacionais e as políticas públicas, quando ancoradas em epistemologias eurocentradas e racistas, contribuem para consolidar um imaginário social que marginaliza os corpos negros e pobres.

Em outro contexto, o termo “NEGRO/ NEGRA”, também frequentemente utilizado supostamente de forma afetiva, é uma maneira de analisar as complexidades sociolinguísticas e as camadas de significados culturais que existem dentro da sociedade. Como exemplo, podemos citar a cantora Mercedes Sosa, frequentemente referida com carinho como “La Negra” (Figura 4). Embora esse apelido possa parecer uma mera expressão de afeto à pri-

meira vista, ele também revela muito sobre as nuances do racismo velado presentes na cultura.

Ao analisar os traços indígenas de Sosa, podemos identificar uma tendência subjacente na sociedade em geral de associar carinhosamente pessoas de pele não branca aos termos “negra” ou “negro”. No entanto, ao fazer isso, implicitamente categorizam-se e reforçam-se estereótipos raciais, mesmo que de maneira velada e muitas vezes não intencional.

Essa prática, embora frequentemente justificada como uma expressão de carinho, pode ser interpretada como uma forma de racismo microagressivo. É um lembrete sutil, porém constante, da diferenciação racial e da hierarquização social baseada na cor da pele. Mesmo que a intenção por trás dessas expressões possa ser inocente ou carinhosa, elas perpetuam um sistema no qual a cor da pele continua a ser um ponto central de identificação e, muitas vezes, de valoração.

FIGURA 4 – Mercedes Sosa



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2023)

A utilização do termo “negro” ou “negra” como um apelido ou termo de carinho também minimiza e homogeneiza as origens étnicas plurais da América Latina, pois generaliza a variedade de identidades existentes, indígena, africana e mestiça, sob uma única categoria, muitas vezes apagando as histórias individuais e coletivas de resistência, luta e contribuição desses grupos.

Em última análise, mas não menos importante, é essencial questionar, problematizar e refletir sobre o impacto e as implicações dessas expressões “carinhosas”, bem como reconhecer as sutilezas linguísticas do racismo.

“Negro de Mierda”

O uso da expressão “negro de mierda” está ligado diretamente às manifestações racistas da linguagem na Argentina. É possível observar, quando na tentativa de demonstrar sua “superioridade”, que as pessoas “brancas” da Argentina utilizam o termo “negro” para designar todas as profissões, pessoas e atitudes que lhes parecem inadequadas/horríveis. Em muitos contextos, “negro” refere-se à cor da pele e é usado para descrever pessoas de ascendência africana. No entanto, na Argentina, o termo “negro” tem uma conotação dupla. Ele pode ser usado para descrever alguém com pele escura, mas também pode ser usado de uma maneira mais ampla para referir-se à classe trabalhadora ou a pessoas de uma classe socioeconômica mais baixa, independentemente da cor da pele.

A expressão “negro de mierda” é frequentemente usada de maneira desdenhosa e é claramente ofensiva. Ela diminui e menospreza a pessoa com base em sua suposta classe socioeconômica e também associa essa classificação a algo ruim ou indesejável.

Para Stuart Hall (2016, p.16), “[...] a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados que só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem”. Esse sentido contido em tudo que é relativo ao negro é comum culturalmente às pessoas brancas e não brancas argentinas.

Visto pelas lentes de Hall (2016), então é necessário que os sujeitos se identifiquem com essa linguagem e compartilhem dos mesmos pensamentos, nesse caso, o pensamento racista. O significado do termo negro e da expressão “negro de mierda”, compartilhado entre os cidadãos “europeus da América do Sul”, remete ao racismo existente e inculcado na memória social e individual das pessoas, bem como corrobora com o pacto da bran-

quitude (Bento, 2022) ao silenciar, diminuir e menosprezar a importância da discussão.

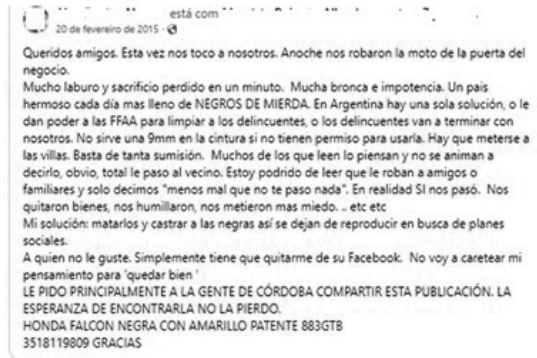
É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanos similares. Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo (Bento, 2022, p.24).

Há, além do silenciamento, uma negação explícita, uma não necessidade de tocar nesse assunto, um medo de descobrir-se longe da Europa e longe da América, um não pertencimento, uma vergonha interna nacional revestida de superioridade e “bom berço” que precisa ser gritada, exposta na internet e comprovada pela produção cultural do país que privilegia pessoas de pele clara em quase todos os meios massivos.

Em suma, é valioso pensar que uma expressão como esta (“Negro de mierda”) revela muito sobre a cultura dos argentinos, cultura essa forjada sob uma violenta exploração e expropriação de pessoas.

A figura que segue foi publicada em fevereiro de 2015 e foi compartilhada por amigos próximos no Facebook, por isso foi uma das primeiras a aparecer na pesquisa. Ela me deixou sem palavras inicialmente, desencadeou uma série de emoções em mim, compreensíveis e complexas, fez-me chorar, um pouco por medo, um pouco por raiva, por impotência. A consternação que essa declaração me provocou é um reflexo do profundo desgosto que muitos sentem quando confrontados com manifestações de racismo e misoginia tão cruas. O medo e a raiva que experimentei ao ler essa publicação, exacerbada por saber que alguém conhecido havia compartilhado, são reações completamente justificáveis diante de sua notável carga ofensiva. Essa postagem me paralisou por alguns minutos, mas isso é parte de um trabalho de enfrentamento do racismo na Argentina que está apenas no início.

FIGURA 5¹³ – Publicação sobre o roubo de uma moto



FONTE: Facebook (2015)

Essa publicação esclarece exatamente como os argentinos negam a existência dos negros no país, dizem ser um país igualitário onde não existe racismo, mas difundem o ódio perverso contra negros nas redes sociais e em suas vidas cotidianas, mesmo sem perceber, comprovando que o racismo está impregnado na linguagem cotidiana.

Há vários pontos que devem ser analisados, um deles é a fala constante de que na Argentina “não há negros”, mas, se não há, como é possível que os termos “negros”, “favelas (villas)”, “planos sociais (planes sociales)” estejam conectados em uma única postagem? Há que se levar em consideração que os negros na Argen-

13. 20 de fevereiro de 2015. Queridos amigos. Desta vez foi a nossa vez. Ontem à noite nossa motocicleta foi roubada na porta da empresa. Muito trabalho e sacrifício perdidos em um minuto. Muita raiva e desamparo. Um país lindo cada dia mais cheio de NEGROS DE MERDA. Na Argentina só há uma solução, ou dão poder às Forças Armadas para limpar os criminosos, ou os criminosos vão acabar conosco. Uma 9mm não adianta na cintura se você não tiver permissão para usá-la. Você tem que ir para as vilas. Chega de tanta submissão. Muitos dos que leem pensam assim e não se atrevem a dizê-lo, obviamente, veja o que aconteceu ao vizinho. Estou cansado de ler que eles roubam amigos ou familiares e nós apenas dizemos “graças a Deus nada aconteceu com você”. Na verdade, sim, aconteceu algo conosco. Tomaram nossos bens, nos humilharam, nos deram mais medo... etc etc. Minha solução: matá-los e castrar as negras para que parem de se reproduzir em busca de planos sociais. Quem não gostar. Só precisa me remover do seu Facebook. Eu não vou mentir o que eu penso para “ficar bem”. [...] (tradução minha)

tina, após a abolição, não tiveram acesso à educação, à moradia e muito menos à possibilidade de crescimento, logo, como ocorreu em outros países, tiveram que criar bairros, hoje conhecidos como “villas”. Com o passar do tempo, alguns governos elaboraram políticas afirmativas – algumas problemáticas, mas esse não é foco desta discussão – conhecidas como “planes sociales” que, em tradução livre, equivale a planos sociais. Observe a afirmação de Andrew (1989) sobre a educação para os afro-argentinos.

En el área de educación, los afro-argentinos gradualmente mejoraron su posición a medida que avanzaba el período nacional, pero la lucha por la igualdad fue larga y exasperante. Era especialmente difícil en la ciudad de Córdoba, donde los negros fueron admitidos por primera vez en las escuelas públicas en 1829, con una cuota de dos afro-argentinos por año a los que se les permitía el ingreso en la escuela secundaria. Aun en 1852 a los afro-argentinos se les prohibía oficialmente el ingreso en la Universidad de Córdoba, según normas que habían quedado inalteradas desde el período colonial (Andrews, p. 70, 1989)¹⁴.

Seguindo a ideia do autor, sabemos que a educação em muitos casos é um divisor de águas na vida de pessoas negras, ao não ter acesso à educação e outras políticas, a população negra, por consequência, também é a mais pobre. Portanto, todas essas expressões estão conectadas, pois a raiva por ter sido roubado embaixo o racismo e o ódio difundido na postagem. É comum que em situações como essa, ouçamos justificativas capciosas como a de que em nenhum momento estava sendo racista e/ou machista, apenas estava expressando sua indignação contra o roubo.

Outra questão importante nessa postagem é a armadilha da generalização, pois, ao tentar expor o ato criminoso, a ação de um indivíduo culpabilizou todas as pessoas negras, uma generalização

14. “Na área da educação, os afro-argentinos gradualmente melhoraram sua posição à medida que o período nacional avançava, mas a luta pela igualdade foi longa e exasperante. Era especialmente difícil na cidade de Córdoba, onde os negros foram admitidos pela primeira vez nas escolas públicas em 1829, com uma cota de dois afro-argentinos por ano aos quais era permitido o ingresso no ensino médio. Ainda em 1852, aos afro-argentinos era oficialmente proibido o ingresso na Universidade de Córdoba, segundo normas que haviam permanecido inalteradas desde o período colonial.” (ANDREWS, 1989, p.70, tradução minha).

falha, perigosa que promove e auxilia a perpetuação do estereótipo distorcido do negro visto como bandido/ladrão, visão que resulta em mortes diárias de jovens negros em todo o mundo¹⁵.

O incidente envolvendo o roubo da moto demonstra que situações ruins e traumáticas pessoais podem ser utilizadas para justificar e manifestar preconceitos raciais latentes, criando uma conexão indevida entre o crime e pessoas negras.

Na frase “Mi solución: matarlos y castrar a las negras” em tradução livre, “minha solução é matar os negros e castrar as negras”, há uma explícita demonstração de violência e incitação ao genocídio, uma vez que o uso de linguagem com o intuito de promover a morte e a mutilação de um grupo étnico já foi utilizado em outras ocasiões na história – lembro aqui o que foi dito anteriormente sobre a Argentina ter servido de abrigo para nazistas – e este tipo de linguagem precedeu ações de grande violência contra comunidades inteiras. Para Kilomba (2019),

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como objeto “ruim”, incorporado os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável, permitindo a branquitude olhar para si como moralmente ideal, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa (Kilomba, 2019, p.37).

Em resumo, no mundo conceitual branco essa dinâmica reflete a forma como a sociedade branca frequentemente se apropria e distorce as identidades e experiências dos sujeitos negros para seu próprio benefício. Ao rotular o sujeito negro como “ruim” ou “perigoso”, a branquitude justifica sua própria superioridade e mantém seu domínio sobre a narrativa histórica e cultural. Essa visão distorcida também serve para mascarar o racismo, as injustiças, as violências e as desigualdades profundas que persistem nas sociedades racialmente estratificadas.

Outra associação feita por pessoas na rede social é a de que os negros não têm direito algum na sociedade argentina e que também não podem acreditar que tenham.

15. Fundação Roberto marinho (mar. 2024).

FIGURA 6 – Quando você é Negro e acredita que tem direitos



FONTE: Facebook (2018)

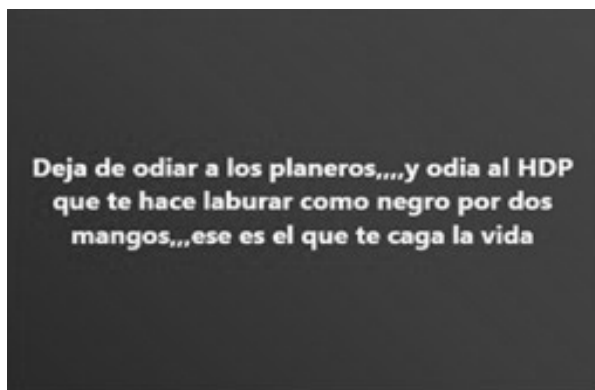
Postagens como essa levam um sentimento de desesperança e descrença em relação aos direitos de pessoas negras, há aqui uma repulsa quando se trata da luta por direitos de uma classe que não é dominante. As manifestações por direitos civis desempenham um papel vital ao chamar a atenção para questões sistêmicas de discriminação e desigualdade e ao mobilizar a sociedade para a mudança. Além disso, a frase nos lembra que a questão racial é complexa e vai além das questões materiais, pois ela abrange a forma como as pessoas são tratadas e percebidas em diversos aspectos da vida, incluindo educação, emprego, habitação e interações cotidianas. O reconhecimento da igualdade racial não se limita apenas à lei, ela é de suma importância, no entanto, para que ocorra mudança de atitudes o poder público tem que ser responsabilizado sobre as ações que não feitas e silenciadas. Ninguém quer ser negro na Argentina. Para as pessoas brancas é cômodo silenciar e negar o racismo. Lopez (2005, p.16) faz uma afirmação categórica e clara sobre o silenciamento com relação ao racismo na Argentina, apontando que atrás de frases como “não há negros na Argentina”, segue a afirmação de que “não existe racismo”, logo “não há nada para se discutir aqui”.

Trabalhar como um Negro

Para iniciar a discussão da imagem que segue, abro dois parêntesis. Um para refletir sobre a palavra “laburar”, que é um lunfardo, e outro para explicar o que é lunfardo. A palavra lunfardo por si só tem um significado bastante preconceituoso no dicionário da Real Academia Española e no dicionário Oxford online. Em busca rápida no Google, encontra-se que Lunfardo é uma “gíria falada por pessoas de classe baixa e malandros de Buenos Aires que posteriormente se estendeu a Rio da Prata (3. m. Arg. p. us. Delinquent)”. Essas palavras são uma mistura de gírias, expressões idiomáticas provenientes de diferentes culturas, incluindo a africana. Embora o lunfardo tenha sido influenciado por várias fontes, como imigrantes europeus e povos indígenas, fica evidente os indícios e contribuições afro-argentinas em seu desenvolvimento.

Já a palavra “laburar” vem do italiano “lavorare” e começa a ser utilizada com a chegada dos italianos na Argentina. No caso da postagem anterior, acrescida da expressão “como um negro”, revela a estrutura racista da linguagem, pois em nenhum momento ouve-se a frase “laburar como un italiano”.

FIGURA 7¹⁶ – Não odeio quem recebe auxílio social



FONTE: Facebook (2017).

16. “Deixe de odiar aos que recebem planos governamentais. Odeie aos FDP que fazem você trabalhar como um negro por duas moedas [...]”.

A expressão “laburar como un negro” pode ser traduzida livremente como “trabalhar arduamente”, e, em sua superfície, parece inofensiva na tradução, no entanto a frase carrega uma carga simbólica mais profunda. O uso do termo “negro” implica uma relação com trabalho árduo, retomando a história de exploração e opressão sofridas pelos negros em sua relação com o trabalho. A descrição de um trabalho árduo através da imagem de um “negro” ressoa com as eras de escravização e subjugação que os afrodescendentes enfrentaram na Argentina e em toda América, a qual trabalhavam muito e não ganhavam nada.

⊙ Pacto

Observemos a figura a seguir:

FIGURA 8¹⁷ – Macri é Branco e tem Olhos Azuis, nada de ruim pode nos acontecer



FONTE: Facebook (2015)

A frase “Macri é branco e tem olhos azuis, nada de ruim pode nos passar” é altamente carregada em termos de conotações raciais, culturais e políticas, especialmente no contexto argentino. A referência é a Mauricio Macri, que foi presidente da Argentina entre 2015 e 2019. Sua eleição foi representativa de uma mudança

17. Macri é um homem branco e tem olhos azuis, nada de ruim pode nos passar.

política significativa em relação aos governos anteriores, que eram mais associados ao kirchnerismo e ao peronismo de esquerda.

“Branco e olhos azuis”, estas características são frequentemente associadas na cultura ocidental à ideia de privilégio, beleza, pureza ou superioridade. Na Argentina, a cor da pele e outros traços físicos definem status social, poder e riqueza. Nesse contexto, ser “branco” ou ter “olhos azuis” pode ser visto como um símbolo de status, que comprova o pato narcísico descrito por Cida Bento (2022).

É possível identificar a existência de um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação a seus ancestrais, atos vergonhosos como assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta. Assim é que a realidade da supremacia branca [...] (Bento, 2022, p.23).

“Nada de ruim pode nos passar”, esta oração sugere que, devido às características físicas de Macri, ele é inerentemente confiável ou que, sob sua liderança, a Argentina estaria protegida de adversidades. Falas como estas perpetuam a ideia de que certas características raciais ou físicas são superiores. Há uma ideia subjacente de que a aparência europeia (branca, olhos azuis) de Macri de alguma forma o torna mais apto para liderar ou proteger o país, o que é uma simplificação extremamente problemática. Para Bento (2022):

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E no mesmo processo excluir os outros grupos “não iguais” ou não suficientemente meritosos (Bento, 2022, p.24-25).

A centralidade do tom de pele aponta a valorização eurocêntrica por parte dos argentinos, que em muitas regiões do país, em sua maioria, tem a pele escura. Ainda, demonstra uma profunda e complexa rede de significados e construções sociais que remontam à colonialidade. Termos como “cruéis”, “bestiais” e “incivilizados” serviram como categorias para desumanizar e inferiorizar povos não europeus, particularmente aqueles de pele mais escura. Para Bento:

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor. As noções de “bárbaros”, “pagãos”, “selvagens” e “primitivos” evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. Como diz Edward Said, o olhar europeu transformou os não europeus em um diferente e, muitas vezes ameaçador, outro (Bento, 2022 p.28).

A visão de mundo eurocêntrica, armada com esses rótulos e distinções, observava e agia sobre o mundo com um sentido de missão. O “fardo do homem branco” e a ideia da “missão civilizadora” justificavam a colonização, a conversão religiosa e a imposição de sistemas políticos e econômicos sobre os povos colonizados. Na Argentina contemporânea, os ecos da colonização se apresentam como racismo, discriminação e preconceitos que aparecem arraigados na sociedade e em publicações como a recém-analisada.

A supremacia branca, o racismo sistêmico e as disparidades socioeconômicas são manifestações contemporâneas dessa longa história de distinção baseada na cor da pele.

Enfim, a postagem combina racismo e política, além de apresentar uma visão superficial, controversa e violenta que independentemente de sua intenção (séria ou sarcástica) perpetua estereótipos sobre raça, liderança e poder. Em qualquer discussão ou análise é vital reconhecer as camadas de significado e as implicações de declarações como essa, já que o resultado será uma população que não se reconhece, conforme apontado no capítulo dois.

Não Existe Racismo na Argentina

As imagens que seguem reforçam que o pacto da branquitude (Bento, 2022) fica ainda mais visível quando um órgão que tem como função principal falar e combater o racismo na Argentina (INADI) faz uma publicação sobre o tema e a população reage confirmando tudo que foi exposto anteriormente nesta pesquisa.

A reação da população, como observada nos comentários subsequentes, apenas reforça e valida as informações apresentadas pelo INADI, fornecendo uma vívida ilustração da extensão do problema do racismo na sociedade argentina. Isto sugere que as atitudes discriminatórias e preconceituosas estão tão profundamente enraizadas que as pessoas não apenas fingem não as reconhecer, mas também negam veementemente as evidências apresentadas, resistindo a qualquer desafio ou questionamento do *status quo*.

A narrativa da branquitude se apresentava marcada por ressentimento e amargura e ocultava as profundas desigualdades raciais na sociedade, e alguns profissionais da mídia diziam querer viver em um lugar onde brancos não tivessem que se sentir mal por serem brancos. Por um lado, os negros eram representados como povos estrangeiros, menos civilizados, essencialmente inferiores por herança genética. Por outro, os homens brancos se definiram como vítimas de um preconceito racial às avessas. (Bento, 2022, p.58).

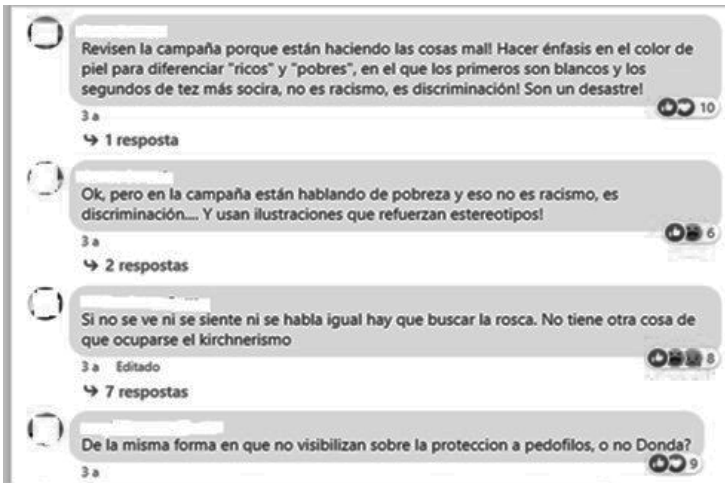
Seguindo a ideia de Bento (2022), a população branca argentina se sente ofendida quando é chamada de racista e insiste em uma igualdade que só existe entre eles (os brancos), enquanto qualquer outra etnia permanece sendo “os outros”, os menos civilizados. Essa resposta da população revela o alcance do pacto da branquitude, que não apenas perpetua o racismo, mas desencoraja qualquer tentativa de confrontá-lo. O medo de abordar esse problema, seja por desconhecimento, negação ou por manter o privilégio branco, mantém as conversas sobre racismo em um estado de estagnação. Isso impede a sociedade argentina de avançar na direção da igualdade e da justiça racial, pois as barreiras para o diálogo aberto e a mudança significativa permanecem intactas com o não reconhecimento do racismo.

FIGURA 9 – Racismo não existe!



FONTE: INADI – Facebook (2020)

FIGURA 10 – Os comentários



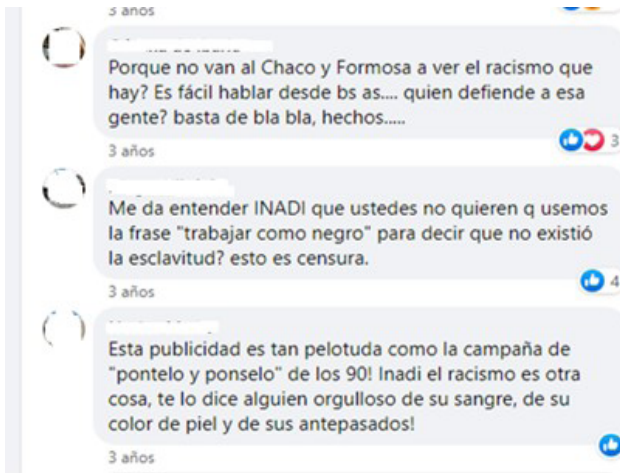
FONTE: INADI- Facebook (2020)

FIGURA 11 – Publicação de INADI



FONTE: INADI - Facebook (2020)

FIGURA 12 – Comentários da publicação de INADI



FONTE: INADI –Facebook (2020)

Mínimizar o fato da população argentina ser racista é uma forma de manter o pacto entre pessoas da branquitude e a ignorância de quem é racializado e apenas reproduz o racismo. Negar

a existência do racismo é uma forma de não haver necessidade de falar sobre ele.

Assim, ao torná-lo um tema de pouca ou nenhuma relevância, dificulta a conscientização, a análise e a busca por soluções para as desigualdades raciais que persistem no país. Comentários e pensamentos como esses impedem a compreensão e, logo, o combate do racismo em um país tão desigual como é a Argentina.

Contudo, diante da persistência do racismo expresso pela linguagem e pelas práticas sociais, também emergem vozes que se recusam ao silêncio. Movimentos afro-argentinos e associações culturais têm recriado narrativas e resistido ao apagamento histórico. É essa dimensão da resistência e reexistência que será discutida a seguir, onde apresento os movimentos negros que resistem desde o período da escravização afirmando sua existência em um país que insiste em apaga-los.

Capítulo IV

Resistência e Reexistência

Movimentos Convergentes

A história da Argentina é profundamente marcada por processos coloniais que, por séculos, moldaram suas práticas socioculturais valores e instituições. Partindo de uma perspectiva decolonial, podemos, a partir de uma nova lente, tentar observar o quanto necessário foi - e está sendo - a criação de Associações e Institutos que trabalhem e lutem contra a hegemonia, o racismo e a discriminação. Neste capítulo, portanto, tento delinear a luta dos movimentos antirracistas e de valorização dos afro-argentinos ao longo dos tempos até a criação do INADI. Para entender a relação entre o INADI e a decolonialidade, é essencial elucidar o conceito proposto por Mignolo (2007) que vê a decolonialidade como um processo de desvendar, resistir e criar alternativas ao modo de pensar eurocêntrico e, conseqüentemente, desestruturar as estruturas de poder que se originaram com a colonização. Para o autor:

Colonialismo se refiere a períodos históricos específicos y a lugares de dominio imperial (español, holandés, británico y, desde principios del siglo XX, estadounidense); “colonialidad”, en cambio, denota la estructura lógica del dominio colonial que subyace en el control español, holandés, británico y estadounidense de la economía y la política del Atlántico, desde donde se extiende a casi todo el mundo. En cada uno de los períodos imperiales del colonialismo – con predominio de España (siglos XVI y XVII), Inglaterra (desde el siglo XIX hasta la Segunda Guerra Mundial) o Estados Unidos (desde principios del siglo xx hasta nuestros días) – se ha mantenido la misma lógica aunque el poder haya cambiado de manos (Mignolo, 2007, p.33)¹⁸.

18. Colonialismo refere-se a períodos históricos específicos e a locais de domínio imperial (espanhol, holandês, britânico e, desde o início do século XX, americano); “colonialidade”, por outro lado, denota a estrutura lógica do domínio colonial que subjaz ao controle espanhol, holandês, britânico e americano da economia e da política do Atlântico, de onde se estende a quase todo o mundo. Em cada um dos períodos imperiais do colonialismo – com predomínio da Espanha (séculos XVI e XVII), Inglaterra (desde o século XIX até a Segunda Guerra Mundial) ou Estados Unidos (desde o início do século XX até os dias atuais) – a mesma lógica tem sido mantida, embora o poder tenha mudado de mãos. (Mignolo, 2007, p.33, tradução minha).

A distinção feita por Mignolo (2007) entre “colonialismo” e “colonialidade” é fundamental para compreender a persistência e manifestação de atitudes e estruturas racistas na sociedade pós-colonial argentina e, após todas as informações levantadas ao longo desta discussão. Isso porque, embora tenha alcançado sua independência do domínio colonial espanhol no início do século XIX, a Argentina exhibe, ainda hoje, traços marcantes da “colonialidade” em sua estrutura social, política e cultural, já que fica evidente que o “colonialismo” formal terminou com a independência, mas a “colonialidade” persiste, principalmente quando se trata das comunidades afro-argentinas e indígenas.

Essa herança colonial é perpetuada em ações, na mentalidade das pessoas que acreditam que há uma supremacia branca e a eurocentricidade continuam a ser norma. Assim, criar associações desde o início da diáspora até a criação do INADI, mais recentemente, pode ser visto como uma resposta social e, por consequência, institucional à discriminação e também como um movimento em direção à decolonialidade.

Os estudos de Mignolo (2007) nos levam a compreender que:

El “descubrimiento” de América y el genocidio de esclavos africanos e indios son parte indispensable de los cimientos de la “modernidad”, una parte más significativa que la Revolución Francesa y la Revolución Industrial. Más aún, son la cara oculta, la más oscura de la modernidad: la “colonialidad”. (Mignolo, 2007, p.18)¹⁹.

No trecho anterior, o autor chama a atenção para uma revisão crítica da história global e da narrativa dominante da modernidade. Enquanto muitos associam a modernidade a avanços europeus, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, o autor sugere que as verdadeiras raízes da modernidade podem ser encontradas nos eventos traumáticos do “descobrimto” da América e na subsequente exploração e genocídio de povos africanos e

19. O “descobrimto” da América e o genocídio de escravos africanos e indígenas são partes indispensáveis dos alicerces da “modernidade”, uma parte mais significativa que a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Além disso, eles são o lado oculto, o mais sombrio da modernidade: a “colonialidade”. (Mignolo, 2007, p.18, tradução minha).

indígenas. Ressaltando a ideia de que a modernidade não pode ser desvinculada de sua contraparte obscura, que é a colonialidade.

Em outras palavras, os avanços e benefícios da modernidade para alguns vieram à custa da exploração, da subjugação e da extinção de outros. A colonialidade, portanto é consequência histórica da modernidade e está entrelaçada, coexistindo com ela. Reconhecer que esta conexão existe e ainda compreender o conceito de “colonialidade” faz-se necessário para discutir as práticas e atitudes racistas presentes na sociedade argentina e também para extingui-las.

A Argentina pode ter se libertado do “colonialismo” em termos políticos, ter alcançado sua independência do domínio colonial espanhol, no entanto, a luta contra a “colonialidade” que se manifesta como racismo, exclusão e discriminação ainda é uma questão pendente e necessária na agenda social e política do argentinos. Para Mignolo (2007, p.36), “[e]s necesario volver a trazar el mapa del conocimiento y la interpretación”²⁰.

Indo de Encontro ao Racismo: Associações e Inadi

O INADI, Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo se diz comprometido com a elaboração de políticas e ações concretas, representa um avanço significativo para a Argentina no caminho contra o racismo. No entanto, o instituto foi fechado pelo atual presidente da Argentina Javier Milei.

Para entender o contexto dessa iniciativa, é vital reconhecer os antecedentes legislativos relacionados à temática da discriminação no país. Em 1988, foi sancionada a lei 23.592, que discorria especificamente sobre os atos discriminatórios. Evidenciou uma preocupação por parte do legislativo argentino sobre a necessidade de abordar o tema, já que lança base para o entendimento legal sobre a discriminação. Vale destacar o artigo 3 da referida lei:

Art. 3º.- Serán reprimidos con prisión de un mes a tres años los que participaren en una organización o realizaren propa-

20. “É necessário voltar a traçar o mapa do conhecimento e da interpretação”. (Mignolo, 2007, p. 36, tradução minha).

ganda basados en ideas o teorías de superioridad de una raza o de un grupo de personas de determinada religión, origen étnico o color, que tengan por objeto la justificación o promoción de la discriminación racial o religiosa en cualquier forma. En igual pena incurrirán quienes por cualquier medio alentar o incitaren a la persecución o el odio contra una persona o grupos de personas a causa de su raza, religión, nacionalidad o ideas políticas.²¹

Ao analisar o panorama atual da Argentina, fica evidente que a formalização de uma lei nem sempre se traduz em mudanças palpáveis e estruturadas na sociedade. A legislação, por si só, não é suficiente para erradicar preconceitos e práticas discriminatórias enraizadas na cultura e história de um país.

Nesse contexto surge, em 1995, o INADI, com o objetivo de combater a discriminação, a xenofobia e o racismo, representando um avanço significativo na legislação argentina. Segundo Victoria Donda Pérez, titular do instituto, no texto de abertura do documento:

La comunidad afrodescendiente argentina, integrada por más de dos millones de personas descendientes de africanos y africanas traídos como mano de obra esclavizada a lo que hoy es nuestro país, ha sido históricamente invisibilizada, negada y extranjerizada, producto del racismo estructural que opera en Argentina. Sin lugar a dudas, la creación de la Comisión para el Reconocimiento Histórico de la Comunidad Afro-argentina no solo contribuye a desnaturalizar las prácticas racistas estructurales, sino que resulta apropiada del Estado, proporcionando una herramienta de vital importancia para el desarrollo de políticas públicas que impulsen el pleno goce de los derechos de los integrantes de dicha comunidad (Pérez, 2021, p.9).²²

21. Art. 3º - Serão reprimidos com prisão de um mês a três anos aqueles que participarem de uma organização ou realizarem propaganda baseados em ideias ou teorias de superioridade de uma raça ou de um grupo de pessoas de determinada religião, origem étnica ou cor, que tenham por objetivo a justificação ou promoção da discriminação racial ou religiosa de qualquer forma. Incorrerão na mesma pena aqueles que, por qualquer meio, incentivarem ou incitarem à perseguição ou ao ódio contra uma pessoa ou grupos de pessoas por causa de sua raça, religião, nacionalidade ou ideias políticas. (tradução minha).

22. A comunidade afrodescendente argentina, composta por mais de dois

Dentro do cenário latino-americano, a Argentina conta com casos de racismos explícitos em jogos de futebol e nas redes sociais, conforme analisado anteriormente, com um ex-presidente que faz comentários racistas, uma nação que silencia o racismo constantemente e que, atualmente, enfrenta as consequências de suas ações relacionadas à discriminação, à xenofobia e ao racismo.

Tudo isso torna o trabalho do Instituto Nacional contra la Discriminación, la Xenofobia y el Racismo (INADI) ainda mais desafiador, já que o governo se viu obrigado a reconhecer a comunidade afro existente em um país onde até então afirmava-se que “não havia negros”. Vale ressaltar que comentários racistas não são incidentes isolados, mas manifestações de uma cultura de silenciamento e normalização do racismo. O INADI emergiu de um contexto histórico marcado por variados episódios de racismo, tanto na Argentina como fora dela e como uma resposta à inúmeras pressões internacionais. Esses episódios levantaram discussões sociais e políticas que culminaram com a criação, em 2021, de um documento com a normativa do INADI.

Enquanto órgão regulador e agente ativo, o INADI se esforçava para promover uma Argentina diversa e igualitária, o que está longe de acontecer em face de todos os episódios de racismo veiculados nas redes sociais, jornais, entre outros, no entanto é um possível caminho para a mudança.

milhões de pessoas descendentes de africanos e africanas trazidos como mão de obra escravizada para o que hoje é o nosso país, tem sido historicamente invisibilizada, negada e tratada como estrangeira, resultado do racismo estrutural que atua na Argentina. Sem dúvida, a criação da Comissão para o Reconhecimento Histórico da Comunidade Afro-argentina não apenas contribui para desnaturalizar as práticas racistas estruturais, mas também se mostra uma ação apropriada do Estado, fornecendo uma ferramenta de vital importância para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam o pleno exercício dos direitos dos membros dessa comunidade. (Pérez, 2021, p. 9, tradução minha).

La Sociedad de Socorro Mutuos Unión Caboverdeana de Dock Sud

Localizada em Avellaneda, Buenos Aires, Argentina, representa a resistência e a força da comunidade cabo-verdiana. Esta sociedade foi fundada em 1932 e ocupa um lugar de destaque na história global da diáspora de Cabo Verde, sendo uma das mais antigas associações de cabo-verdianos no mundo.

Según el documento del proyecto AECID (Documento CAP), los beneficiarios son la población afro-argentina, compuesta por descendientes de africanos esclavizados, inmigrantes más recientes oriundos de África subsahariana y la población proveniente de Brasil, Uruguay, Perú y países del Caribe. Para los organismos, no habría poblaciones afro-argentinas. El diagnóstico que se presenta extrapola a la Argentina la situación de los afros en América Latina, ya que no se cuenta con estadísticas nacionales que permitan caracterizarla. (Rodríguez; Surasky; Maffia, 2014, p. 176).

No início do século XX, muitos cabo-verdianos encontraram-se em terras argentinas buscando melhores oportunidades de vida, porém enfrentando inúmeros desafios, tanto econômicos quanto culturais. Foi em meio a essas dificuldades que a Sociedade nasceu, com o objetivo principal de oferecer apoio e solidariedade a seus membros.

Os serviços prestados por esta instituição auxiliaram para a sobrevivência e bem-estar da comunidade. Ela proporcionava serviços médicos, auxiliando aqueles que enfrentavam problemas de saúde e não tinham acesso a cuidados adequados. Também ofereciam serviços fúnebres que garantiam que os membros da comunidade pudessem despedir-se de seus entes queridos com dignidade e respeito, independentemente de sua situação financeira.

Além de seu papel assistencial, desempenhou uma função vital na preservação da identidade cultural cabo-verdiana. Por meio de eventos, celebrações e outras atividades culturais, a associação tornou-se um espaço onde os imigrantes e seus descendentes podiam reconectar-se com suas raízes, celebrar sua herança e transmitir suas tradições às gerações futuras.

El proyecto fue aprobado por la AECID, y el viernes 24 de octubre de 2008 se firmó el Acta de Acuerdo entre la Unión Caboverdeana y la AECID, con la presencia de Javier Calviño, Adalberto Días (cónsul honorario de la República de Cabo Verde en Argentina) y Luis Sagol, ex intendente de Avellaneda. A esa reunión asistieron representantes de la AECID, de la SSM/UC, de organizaciones de afrodescendientes y académicos. (Rodríguez; SURASKY; Maffia, 2014, p. 176).

A trajetória da Sociedade preserva a narrativa de uma comunidade que, apesar de ter sido invisibilizada ao longo dos anos pela sociedade e governos da Argentina, apoiou-se mutuamente e manteve viva a cultura e a identidade africana na diáspora.

La Casa de Cultura Indoafroamericana de Santa Fé

A Casa de Cultura Indo Afro Americana “Mario Luis López” (CCIAA) tem um papel fundamental na Comunidade Afro-argentina e no combate ao racismo sistemático existente nessa sociedade, tendo em vista que por ser um país constantemente visto como uma nação de herança majoritariamente europeia, possui, na realidade, raízes culturais e étnicas africanas também.

Figura 13 – Lucía Molina – Fundadora da Casa de Cultura Indo Afro Americana “Mario Luis López” em Santa Fé – Argentina



FONTE: TESOURO, Martín. Agência Paco Urondo. (2021)

A presença afro-argentina, sempre invisibilizada na narrativa histórica predominante foi, e tem sido, parte integrante da formação sociocultural da Argentina, o epistemicídio e o racismo sistêmico forjaram a sociedade. Nesse contexto, instituições como a Casa de Cultura são essenciais na preservação e promoção dos direitos comunidades em diáspora.

Sus acciones colectivas se fueron estructurando a lo largo de más de veinte años, fundamentalmente en torno a una serie de propósitos plurales: la lucha contra el racismo y la discriminación, a favor de la visibilización y el derecho a la diferencia. Los fines que se propusieron los llevaron adelante a través de diferentes medios, organizando y participando en conferencias, charlas, congresos, reuniones, conmemoraciones, festivales artísticos, obras de teatro, exposiciones, escritos en diarios revistas y libros, edición de boletines. Las estrategias desplegadas anclaron algunas en el campo de las relaciones locales y otras en el más amplio de las relaciones transnacionales principalmente regionales (Estados Unidos, Puerto Rico, Chile, Uruguay, Brasil, entre otros países). Algunas de las acciones puestas en marcha generaron situaciones que dieron lugar a tensiones y conflictos propios de la dinámica de un grupo en interacción con otros. (Zubrzycki; Maffia, 2014, p. 138).

Fundada por Lucía Dominga Molina Sandez, natural de Santa Fé, a CCIAA é uma homenagem a Mario, que ajudou a fundar o espaço e foi marido de Lucía. O espaço físico onde a associação se encontra é também de resistência, memória e luta pela igualdade racial. Sua fundação, no final dos anos 1980, foi um muito importante para a valorização da história, cultura e contribuições afro-argentinas, ali todos poderiam celebrar e estudar sem preconceitos.

A CCIAA serve como um centro educacional proporcionando cursos, oficinas, palestras e eventos que destacam a diversidade cultural argentina e também como um meio de empoderamento da comunidade ao promover educação cultural por meio de iniciativas de formação, liderança e organização comunitária, bem como, atividades de fortalecimento da voz da comunidade afro-argentina, permitindo que suas solicitações sejam ouvidas em esferas mais amplas da sociedade, tendo como objetivo o desenvolvimento de políticas públicas para estas comunidades.

As resistências coletivas mostram a força da ação social na luta contra o racismo. No entanto, essa transformação precisa também alcançar a sala de aula. No Ensino de Espanhol, há um espaço fundamental para questionar estereótipos e construir práticas pedagógicas críticas e antirracistas. O último capítulo dedica-se a essa proposta.

Capítulo V

Outra Narrativa
Que espanhol ensinar?

Criando outra Narrativa

É possível partir da expressão “aqui não há negros”, ouvida constantemente e muito discutida nessa dissertação, para se construir uma outra narrativa. Essa expressão, de fato, ilustra a persistência de estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade argentina, que negam e minimizam a presença negra no país. Então, ao invés de perpetuar essa narrativa excludente, podemos explorar e ampliar uma perspectiva oposta.

A Argentina teve, em um determinado momento, boa parte de sua população composta por pessoas negras, no entanto elas nunca aparecem nas narrativas, nós estamos revivendo-as agora. Por meio da página do Facebook do Arquivo Geral da Nação (*Archivo General de la Nación*), criada em 16 de junho de 2010 que consta com mais de quinhentos mil seguidores, pude encontrar algumas pessoas negras que foram registradas ao longo do tempo e que vão de encontro à narrativa difundida por muitos argentinos. Boa parte das imagens foram publicadas pela revista *Caras y Caretas*, que circulou e teve seu maior êxito na Argentina entre os anos de 1898-1939. A revista era semanal e se auto definia festiva, literária, artística, atual e retratou todos os acontecimentos de importância política, social e cultural da época. As figuras que seguem podem servir como base de introdução para a mudança no enredo hegemônico perpetuado pelos europeus.

A figura (14), a seguir, é de uma mulher negra que emergiu no cenário jurídico da Argentina como uma especialista em justiça de paz e acusações no âmbito criminal. Sua trajetória é marcada pela intensidade e determinação com que enfrentou e desafiou as estruturas racistas institucionais estabelecidas na época. Ela não pensou duas vezes em abrir processos e fazer denúncias contra instituições, policiais, igreja e jornalistas que perpetuavam práticas e discursos racistas e violentos, desafiando ordem social imposta pela colonialidade e as influências religiosas na sociedade. Hoje, Florentina F. de Cruela é pouco ou nada lembrada na sociedade argentina e, na pesquisa para este trabalho, poucas informações foram encontradas. Na ocasião da imagem publicada na edição n° 665 de

1º de julho de 1911, apenas há a informação da morte dela aos 76 anos. Não há resultados precisos sobre a data de nascimento.

A inclusão da história de mulheres negras no ensino de Língua Espanhola no contexto argentino assume importância fundamental para enriquecer a compreensão da diversidade étnica e cultural intrinsecamente associada ao processo educacional linguístico. Ao inserir nos estudos a histórias e experiências de mulheres negras que resistiram ao racismo, incluímos sua contribuição na formação da identidade argentina e reivindicamos o papel histórico e social desempenhados na construção dessa sociedade. Práticas como esta resignificam narrativas historicamente apagadas, promovendo uma visão equitativa da história e da cultura.

FIGURA 14 – Florentina F. de Cruela



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2023)

Recriando Histórias

A reflexão sobre a presença negra na Argentina me levou a uma questão reflexiva: se historicamente se afirmou que não havia negros na Argentina, quem são, afinal, essas pessoas que aparecem nas imagens que seguem? Elas foram sistemática e injustamente invisibilizadas e apagadas da história ao longo do tempo. Esta pergunta intriga e revela a necessidade de resgatar as vozes silenciadas pela persistência do racismo e da negação de suas contribuições para a história e a cultura do país.

Em sala de aula, é possível abordar essa questão de forma construtiva, criando narrativas em Língua Espanhola de histórias que resgatam essas pessoas marginalizadas e apagadas da história oficial. Essa abordagem pedagógica pode possibilitar que os alunos conheçam outras histórias, olhem por outro viés, construam opiniões e questionem quando alguém tentar vender o discurso hegemônico da pureza racial argentina. Além de ser um ato de justiça histórica que promove promovendo a visibilidade e o reconhecimento da herança afro/ africana na diáspora. Além disso, essas histórias desafiam a narrativa hegemônica historicamente construída, da ausência de negros e dão espaço a um contexto amplo para compreender a diversidade étnica e cultural que existe no país. Ao criar essas narrativas, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre a importância da inclusão, do respeito pela diversidade e da justiça social, além de praticar a LE, ampliando seu entendimento da história e possibilitando observar a importância de se ter uma história.

Outra atividade interessante que se pode fazer em sala de aula é entrar na página das imagens, explorar e fazer a análise dos comentários, aproveitando que estão em espanhol. É importante salientar que os comentários podem fornecer uma visão das atitudes e percepções das pessoas em relação ao tema. Os alunos podem analisar esses comentários à luz do conteúdo discutido em sala de aula, observando se eles refletem racismo, estereótipos, preconceitos ou se reconhecem a importância da diversidade étnica e cultural existente no país.

As imagens que seguem se referem à população afro-argentina do século XX e foram coletadas a partir da página oficial do “Archivo General de La Nación Argentina” no Facebook. Elas representam um fragmento da diáspora africana na Argentina, proporcionando um vislumbre sobre a comunidade negra que, embora tenha desempenhado papéis fundamentais na construção sociocultural do país, historicamente foi marginalizada e frequentemente omitida dos discursos históricos predominantes. O corpus imagético selecionado apresenta a presença e a contribuição significativa dos afro-argentinos na construção social, econômico e cultural do país ao longo do século passado.

FIGURA 15 – Angélica Rodrigues



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina. (2020)

LEGENDA: Pouco se sabe sobre esta mulher que nasceu na Argentina, em Santo Tomé, Corrientes e viveu no Brasil, segundo dados do Arquivo Geral da Nação Argentina. A imagem é da revista “Caras e Caretas” n° 958 de 10 de fevereiro de 1917.

FIGURA 16 – A Tia Rosa



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2022)

LEGENDA: Uma senhora de 133 anos, vendedora de empanadas e alfajores em Buenos Aires em 1902, fotografia publicada na revista “Caras y Caretas” edição n° 209, 4 de outubro de 1902.

FIGURA 17 – Senhor Mariano Miranda: Calouro da Universidade de La Plata, 1914



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2022)

FIGURA 18 – Os Meninos de Nuñes Mostrando que Gostam de Laranja



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina. (2022_

FIGURA 19 – Augusto Chalmont



FONTE: ARCHIVO General de la Nación Argentina (2021)
LEGENDA: Publicado na Revista Caras Y Caretas em 1914.

Em suma, o questionamento “quem são essas pessoas?” nos convida a repensar e acreditar na possibilidade de outra narrativa e reconstruir a história, começando por criar nos estudantes a noção da necessidade de inclusão na educação e na sociedade em geral.

Por meio da criação de histórias e da reflexão crítica, podemos dar voz àqueles que foram marginalizados e, assim, promover uma compreensão mais completa e respeitosa da herança afro/afriicana na Argentina. Consequentemente, contribuindo para a formação de uma consciência crítica sobre o racismo e o preconceito na sociedade, incentivando uma postura reflexiva e inclusiva no âmbito linguístico e cultural.

Abordagem Intercultural no Ensino de Línguas- Leis 10.639/03 e 11.645/08

Pensar o ensino de Língua Espanhola sob uma perspectiva antirracista, crítico-reflexiva, contra-hegemônica e decolonial é o que pretendemos neste trabalho. Para tanto, as Leis 10.639/03 e 11645/08 nos auxiliam nessa discussão, juntamente com a necessidade de reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural dos países hispanofalantes.

Nessa perspectiva, a ideia de alinhar o ensino do espanhol aos princípios de diversidade cultural para formar indivíduos críticos e participativos na sociedade ganha força. Para corroborar essa proposta, Couto (2018) destaca a importância de abordagens pedagógicas que valorizem múltiplas identidades, saberes e experiências. Para a autora, a integração da diversidade cultural no currículo de Línguas Estrangeiras amplia a compreensão dos alunos sobre as diferentes culturas associadas ao idioma e favorece o aprendizado linguístico, além de desenvolver habilidades interculturais. Essas competências são fundamentais para quem aprende uma nova língua, pois possibilitam um olhar mais amplo e sensível às dinâmicas culturais que permeiam seu uso. Para Couto (2018):

[...] o enfoque cultural seria um movimento de valorizar a cultura no ensino de Línguas, considerando que língua e cultura não se separa, de modo a promover diálogo, interação

e integração com o diferente, o outro, o estrangeiro. E essa aula intercultural, ao mesmo tempo que abre possibilidade de visão e compreensão desse outro (que pode ser diferente, mas também pode não ser tão diferente assim), permite que os envolvidos nos processos de ensino aprendizagem se voltem a si mesmos e reflitam sobre as próprias culturas (Couto, 2018, p.41).

A partir dessa concepção, fica evidente que a valorização da diversidade cultural no ensino de línguas para além de uma proposta metodológica é uma necessidade para uma educação plural. Esta perspectiva intercultural possibilita que os estudantes compreendam a interdependência entre língua e cultura, reconheçam as múltiplas perspectivas dos países hispanofalantes e, ao mesmo tempo, desenvolvam uma visão crítica sobre sua própria identidade cultural.

O objetivo desta proposta é que ao terem contato com diferentes manifestações culturais, tanto alunos, quanto docentes sejam incentivados a questionar e refletir sobre suas crenças, valores e sobretudo as estruturas sociais que moldam suas experiências concretas.

Além disso, estudos apontam que práticas pedagógicas com enfoque cultural fortalecem a resistência contra a tendência de homogeneização e exclusão. Para Couto (2018):

É urgente que as aulas de Espanhol caminhem em direção à perspectiva discursiva/dialógica, proporcionando aos processos de ensino-aprendizagem uma visão mais crítica de língua, em que os sujeitos tenham a oportunidade de interagir e se constituir por meio de textos, os quais não são neutros, sendo determinados pelo contexto histórico, social, cultural, entre outros. Além disso, é importante que, nos momentos de compreensão leitora/auditiva e produção escrita/oral, os alunos percebam as vozes que permeiam a construção textual e das relações de poder implícitas e/ou explícitas nos discursos e consigam estabelecer uma criticidade com respeito a essa questão (Couto, 2018, p.43).

Seguindo a ideia da autora, há que se levar em consideração no ensino de Língua Espanhola, foco desta discussão, que nenhum texto é neutro, eles são imbuídos de ideologias e contextos que

moldaram ou moldam a nossa realidade. Há que se levar em conta que a Língua não é só um amontoado de regras gramaticais e vocabulário, ela é um meio de comunicação que, sem dúvida nenhuma, reflete e também influencia o mundo ao nosso redor.

Portanto, a ideia de analisar criticamente os textos, contextos, histórias e culturas com os quais interagimos em sala de aula, nos leva a entender que eles podem ser o produto da colonialidade e sendo assim, carregam valores e ideologias específicas que contribuem para a formação de uma consciência crítica, ou não, sobre o poder da linguagem.

Dessa forma, é importante que, desde o início do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, os estudantes compreendam que ela pode ser tanto uma ferramenta de manutenção quanto de transformação das relações de poder.

A seguir, apresento algumas ideias para práticas antirracistas em sala de aula.

Práticas para um Ensino de Espanhol Antirracista

Compreender que a Língua Espanhola foi uma imposição colonialista e que essa imposição também foi cultural, linguística e deixou marcas profundas na forma como percebemos e, conseqüentemente, utilizamos o idioma é importante.

Também, é inegável que o conhecimento, em sua construção e transmissão, foi moldado por visões eurocêntricas, hegemônicas e monoculturais, marcas do colonialismo, que marginalizaram os saberes e perspectivas de grupos não brancos. Todo este processo contribuiu para a perpetuação de hierarquias epistemológicas, que desvalorizam as tradições, diminuem a importância do conhecimento, tanto dos povos indígenas quanto dos povos africanos e afro-latinos. Como resultado, de todos esses séculos de um projeto bem consolidado, temos o racismo que é sustentado por uma lógica profundamente enraizada na colonialidade (Mignolo, 2010) e continua a estruturar as relações sociais e acadêmicas.

A hegemonia branca e a marginalização dos negros seguem influenciando as relações sociais, culturais e econômicas nas Amé-

ricas, criando desigualdades sistêmicas que persistem, mesmo em contextos de aparente mudança.

A afirmação anterior está conectada diretamente ao ensino de Línguas, principalmente ao pensarmos língua e cultura como dual, ao tentar estabelecer uma desconstrução das concepções historicamente pré-estabelecidas, propondo reexaminá-las dentro de um contexto decolonial, contra-hegemônico e antirracista.

Nesse sentido, esta discussão busca oferecer caminhos para a desconstrução de estereótipos e para o reconhecimento da pluralidade linguística, cultural e racial dos países hispanofalantes. Além disso, tem como objetivo contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de analisar e questionar discursos que perpetuam a exclusão e a desigualdade.

Assim, proponho pensar em sugestões para o ensino da Língua Espanhola, a partir da pergunta “Que espanhol ensinar?”.

Que Espanhol Ensinar?

Para responder a essa questão, podemos partir do espanhol falado em países de fronteira, como a Argentina, e discutir a expressão “Aquí no hay negros” (Ghiberto, 2024), frequentemente proferida no país para manter a narrativa de apagamento histórico.

A página do Facebook do “Archivo General de la Nación Argentina” é uma fonte para problematizar essa ausência. Nela, é possível encontrar imagens de pessoas negras registradas ao longo do tempo, as quais contradizem a afirmação anteriormente mencionada e a narrativa amplamente difundida na Argentina.

Essas imagens foram publicadas originalmente na revista *Caras y Caretas*, que circulou entre 1898 e 1939, sendo um periódico semanal que se autodefinia como festivo, literário, artístico e atual. Suas edições retrataram diversos acontecimentos políticos, sociais e culturais da época. No entanto, é importante destacar que essa revista representava apenas uma fração das publicações da época e, portanto, refletia uma visão parcial da sociedade argentina, não abrangendo a totalidade dos acontecimentos nem a diversidade de perspectivas existentes no país.

Tal qual, toda fonte histórica ou material didático, embora suas edições forneçam registros históricos importantes, tais publicações não devem ser interpretadas como um reflexo absoluto da realidade vivida por toda a população argentina no período retratado.

Tendo isso em vista, acessar essas imagens e analisar os comentários feitos nas postagens, observar as interações, escritas em espanhol, podem revelar as percepções e atitudes contemporâneas dos argentinos, relacionadas ao racismo. Os alunos podem ser incentivados a ler e interpretar esses comentários, discutindo se eles refletem racismo, estereótipos e preconceitos ou, pelo contrário, reconhecem a importância da diversidade étnica e cultural do país. Além disso, essa atividade permite relacionar as discussões linguísticas às narrativas históricas, aos discursos identitários e as representações (Enevan, 2016, Jovino e Enevan, 2022).

O estudo de biografias também pode ser um aliado no desenvolvimento da consciência intercultural. Os alunos podem pesquisar figuras afro-latinas importantes, preparar apresentações sobre suas contribuições culturais, sociais e políticas, além de elaborar debates sobre interculturalidade. Atividades assim, podem promover diálogos sobre como essas personalidades desafiaram ou desafiam as narrativas dominantes e contribuíram para a cultura latino-americana, além de reforçar uma educação/ aprendizagem que valorize a cultura do outro.

A literatura afro-argentina é outra ferramenta para ampliar a visão sobre as experiências das pessoas negras no país. Obras de autores como Washington Cucurto e Lucía Molina podem ser utilizadas para discutir temas como identidade, resistência e racismo, proporcionando uma perspectiva mais ampla e crítica sobre a realidade da população negra na Argentina.

Pensar ensino de Língua Espanhola a partir da cultura afro-peruana é de suma importância, a poesia de Victoria Eugenia Santa Cruz nos apresenta inúmeras possibilidades de discussão, desde estrutura da poesia, como ideia de identidade e pertencimento. O poema “Me gritaron negra”, um dos mais famosos da autora, é um exemplo dessas possibilidades.

Almeida (2022) em sua dissertação de mestrado propõe uma sequência didática em Língua Espanhola com o propósito de abordar o ensino a partir de uma perspectiva de Letramento Racial Crítico (Ferreira, 2022) e da interculturalidade. Para a autora:

A BNCC propõe que seja abordado no ensino de Língua Estrangeira o desenvolvimento da Dimensão Intercultural. Dessa maneira, com a consciência da interculturalidade as(os) discentes podem articular seu conhecimento linguístico com a diversidade histórica e social existente na língua estudada. Sobre a Dimensão Intercultural, fica evidenciada na atividade 7 da SD, tanto na interpretação do poema “*Me Gritaron Negra*” [...] como na apresentação da biografia da peruana Victoria Santa Cruz, conforme explicitado na seção 3.1 da apresentação da sequência didática, ao propor uma reflexão sobre o conflito das experiências vividas pelos negros no processo de afirmação de identidade no Peru (Almeida, 2022, p.72-73).

A afirmação de Almeida (2022) destaca a importância da Dimensão Intercultural no ensino de Língua Estrangeira e aponta que é preciso transcender a simples aquisição de habilidades linguísticas e promover a compreensão das realidades culturais e históricas dos povos que falam a Língua Espanhola.

Seguindo a afirmação da autora, o poema “*Me Gritaron Negra*” explora temas de identidade, racismo, resistência e autoaceitação, a partir dele, e em uma espécie de narrativa autobiográfica, Victoria Santa Cruz descreve sua experiência ao ser chamada de negra.

O poema, pode ser trabalhado em sala de aula na perspectiva que aqui proponho: um olhar antirracista, contra-hegemônico, decolonial e crítico-reflexivo dentro do ensino da Língua Espanhola. Além de dar subsídios, ao aluno e ao professor, para análises acerca da autoimagem tanto de pessoas negras, como de pessoas brancas.

Outra abordagem possível para o ensino de espanhol antirracista é o estudo da cultura palenquera na Colômbia, por meio da banda afro-colombiana Kombilesa Mi. O grupo combina música tradicional e rap urbano, com letras em língua palenque e espanhol, misturando ritmos afro-colombianos.

A banda, originária de Palenque de San Basilio, o primeiro território negro livre das Américas, oferece uma oportunidade para discutir temas como resistência, preservação das tradições afro-colombianas e solidariedade.

Uma sugestão didática é a análise crítica das letras musicais da banda, para que os alunos reflitam os temas abordados nas canções. Além disso, é possível analisar contextos históricos e culturais que foram excluídos da narrativa colonial, como a história de Palenque de San Basilio, demonstrando a importância de sua existência e impacto nas práticas culturais e linguísticas atuais.

Outro aspecto relevante é a possibilidade de explorar a interseccionalidade das identidades culturais, raciais e linguísticas presentes nas músicas e na cultura palenquera. Estudantes podem ser incentivados a refletir sobre suas próprias identidades em relação às línguas e culturas abordadas.

As músicas do grupo também permitem um debate sobre o uso da linguagem como ferramenta de poder e resistência, analisando como a língua palenque e o espanhol são utilizados para afirmar a identidade cultural palenquera.

A banda Kombilesa Mi apresenta a canção “Los Peinados” (anexo I) que representa uma resistência cultural e histórica, ela aborda a importância dos penteados na cultura afro/africana, especialmente durante a escravização. Este tema pode ser explorado em sala de aula para discutir tempos verbais e expandir o vocabulário dos alunos, ao mesmo tempo que se analisa os sentidos e significados culturais das formas de pentear, arrumar e apresentar os cabelos, por diferentes grupos negros, como estratégias de sobrevivência cultural, presença e pertencimento étnico-racial.

Historicamente, tranças e outros estilos de cabelo são usados como formas de expressão, comunicação e resistência. Muitas dessas técnicas serviam para desenhar mapas, esconder sementes e enviar mensagens secretas às comunidades, enquanto estratégias de sobrevivência no contexto escravista. A ideia contida aqui é possibilitar a conexão entre linguística, história e identidade cultural.

De forma resumida, tendo em vista os limites desta discussão, apresento diferentes estratégias para o ensino da Língua Espanhola a partir de uma perspectiva antirracista, explorando três paí-

ses: Argentina, Peru e Colômbia, esta escolha não foi aleatória, mas motivada, inicialmente por sua proximidade geográfica e histórica e também por serem países fronteiriços que indubitavelmente mantêm relações culturais, linguísticas e econômicas significativas com o território brasileiro.

Ao abordar esses países, também tenho em consideração a proximidade que pode facilitar o acesso a materiais autênticos, como músicas, poemas e narrativas históricas, possibilitando um ensino mais contextualizado e conectado à realidade dos alunos.

Referências

ALMEIDA, L. C. **Letramento Racial Crítico em Ação Na Língua Espanhola**. Dissertação de Mestrado- Ponta Grossa, 2022. 101f.

ACTOS DISCRIMINATORIOS. **Ley N° 23.592**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-23592-20465/actualizacion> Acesso em 15 set. 2023.

AGENCIA BRASIL. **Atlas da violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos**. 27/08/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/general/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em: 28 set. 2022.

ANDREWS, G. R. **América Afro-Latina, 1800-2000**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ANDREWS, G. R. **The Afro-Argentines of Buenos Aires, 1800-1900**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor S.R.L.,1989.

ALKMIM, T.; BORBA, L.; COOLL, M. **Léxico de origen africano en el portugués de Brasil y en el español del Uruguay: historias de encuentros y desencuentros**. Universitatis Stockholmiensis, Acta Universitatis Isstockholmiensis, 2012.

ARAÚJO, C. M. de; OLIVEIRA, M. C. S. L. de; ROSSATO, M. O. Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Universidade de Brasília. Vol. 33, pp. 1-7. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkby-DXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 set. 2023.

ARGENTINA. **Inadi**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/inadi>. Acesso em: 15 set. 2023.

ARGENTINA. **La Legislatura de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires**. Ley n. 5.261, contra la discriminación. BOCBA, n. 4655, Buenos Aires, 10 jun. 2015. Disponível em: <https://boletinoficial.buenosaires.gob.ar/normativaba/norma/281359> Acesso em: 12 jan. 2022.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Cómo se festejan las fiestas patrias en los barrios porteños**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeLaNacionArgentina/photos/a.141923792499512/5461010177257487/?type=3>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **“La negra” Florentina**. 18 jan. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=550310197136621&set=pb.100064729354572.-2207520000&type=3>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Angélica Rodríguez, centenaria, hija de madre africana...** 8 dez. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5051348208223688&set=a.141923792499512>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **La tía Rosa, de 133 años**. 22 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeNacionArgentina/posts/5642877119070791/?locale=es_LA Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Señor Mariano Miranda**. 22 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=336858135148496&set=pb.100064729354572._=2207520000-&type=3=&locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Los muchachos llegan a Nuñez**. 20 mar. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=335776655256644&set=pb.100064729354572._=2207520000&locale=es_LA. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. Augusto Chalmont. 9 ago. 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeNacionArgentina/photos/pb.100064729354572._=2207520000-6375266085831887//?type=3=&locale=es_LA . Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **Fallece Mercedes Sosa**. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=706393331528306&set=pb.100064729354572._=2207520000&type=3. Acesso em: 29 fev. 2024.

ARCHIVO General de la Nación Argentina. **José Lara de “124 años de edad”. Buenos Aires, 1904**. Disponível em: <https://www.facebook.com/ArchivoGeneraldeNacionArgentina/photos/a.141923792499512/5591995627492274/?type=3>. Acesso em: 01 março 2024.

ARREYES, R. **O planeta das “negritas de 25 de mayo”**. Geledés, Instituto da Mulher Negra, 04 nov. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-planeta-das-negritas-de-25-de-mayo/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BBC BRASIL. **Documentos revelam lista de nazistas que viveram na Argentina após saquear bens de judeus**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51742307> Acesso em: 02 out. 2022.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

BORUCK, A. **Las rutas brasileñas del tráfico de esclavos hacia el Río de la Plata, 1777-1812**. Atlanta: Emory University, 2009.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

Nascimento, Jairo CNNBrasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/selecao-brasileira/torcedor-e-flagrado-imitando-macaco-em-argentina-x-brasil/> acesso: 26 de março de /2025.

CONGRESO NACIONAL ARGENTINO. **Declaraciones, derechos y garantías**. Disponível em: <https://www.congreso.gob.ar/constitucionParte1Cap1.php>. Acesso em 28 set. 2022.

COUTO, L. P.; JOVINO, I. S.; MACIEL, D. T. E. **Livro didático de espanhol: a promoção de um ensino na perspectiva dos gêneros textuais e das africanidades**. Recife: Eutomia, vol. 1, 2013, p. 449-469.

COUTO, L. P. **Didática da língua espanhola no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

DBPEDIA. **Santiago de Liniers e Bremond**. Disponível em: https://dbpedia.org/page/Santiago_de_Liniers,_1st_Count_of_Buenos_Aires. Acesso em: 02 out. 2023.

DOMINGUEZ, M. E. De negros a afro. Práticas culturais negras e elaboração de categorias étnico-raciais em Buenos Aires, Argentina. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2, p. 101-118, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/6297>. Acesso em: 5 mar. 2024.

EGGERS, T. B. **História da argentina: uma mirada crítica (1806-2006)**. Ituzaingó: Maipue, 2006.

ENEVAN, E. A. S. **Um olhar sobre as representações de identidades sociais de raça: análise de livros didáticos para o ensino de espanhol/LE**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.

ENEVAN, É. A. da S.; JOVINO, I. da S. Representações de mulheres numa coleção de livros didáticos de Espanhol/LE. **Journal of African and Afro-Brazilian Studies**, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/86189-353043-1-PB.pdf>. Acesso em 13 jan. 2023.

ESTADO ARGENTINO. **Provincia del Neuquén**. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/neuquen>. Acesso em 15 jan. 2023.

FACEBOOK. **Quando você é Negro e acredita que tem direitos**. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/posts?q=negrode%20mierda>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Não odeio quem recebe auxílio social**. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/posts/?q=laburar%20como%20negro>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Não vá se meter em confusão!** Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=618908673598917&set=a.465678758921910>. Acesso em: 29 fev. 2024.

FACEBOOK. **Isso é buscar confusão**. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=3632576610115960&set=a.220752471298408&locale=pt_BR. Acesso em: 2 mar. 2024.

FACEBOOK. **Publicação sobre o roubo de uma moto**. Disponível em: <https://www.facebook.com/alan.aleman/posts/10153100446944367>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **Publicação de um cantor famoso.** Disponível em: <https://www.facebook.com/andrescalamarooficial/posts/2948855498476013> Acesso em: 29 fev. 2024.

FACEBOOK. **Macri é Branco e tem Olhos Azuis.** Disponível em: <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/pb.100050502488981.2207520000/1850195205305723/?type=3>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100050502488981>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/a.1382651415393440/1504466843211896/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FACEBOOK. **¿Me Estas Cargando?** Disponível em: <https://www.facebook.com/1379563672368881/photos/pb.100050502488981.-2207520000/1850195205305723/?type=3>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FERREIRA, A. de J. **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade.** Práticas pedagógicas, em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes Editores, 2012.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América.** Madri: Mapfre. 1993.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURTADO, T. **Atitudes das torcidas de Boca e River.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/atitudes-das-torcidas-de-boca-river-explicam-como-racismo-atua-na-sociedade-argentina-25492862>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GELEDES. **Maria Lamadrid.** 20/06/2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maria-lamadrid/>. Acesso em 27 mar. 2023.

GUIARO, I. In Jornal Exclamación. **Palenque de San Basilio (Colômbia): o primeiro território negro livre das Américas.** Disponível em: <https://exclamacion.com.br/2020/11/21/palenque-de-san-basilio-colombia-o-primeiro-territorio-negro-livre-das-americas/>. Acesso em 04 de junho de 2024.

GHIBERTO, F. C. da S. O. **Racismo da Argentina: resistência e reexistência.** Dissertação de Mestrado- Ponta Grossa, 2024. 108f.

GHIDOLI, M. de L. **Estereotipos en negro: representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroporteños en el siglo XIX.** Rosario: Prohistoria, 2016.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar Edição do Kindle, 2020.

GROUSSAC, P. **Ublicación de Documentos Relativos al Río de la Plata con Introducciones y Notas en Anales de la Biblioteca.** Buenos Aires: Legare Street Press, volume IV, 1905, pág. 101.

HALL, S. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

INADI. **El racismo estructural...** 2 jun. 2020. Facebook: @inadi. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10158280040108498&set=a.10151712624738498>. Acesso em: 29 fev. 2024.

INADI. ¿Cómo se puede cambiar aquello que no se menciona ni se visibiliza? 11 jun. 2020. Facebook: @inadi. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10158309139723498&set=a.10151712624738498>. Acesso em: 29 fev. 2024.

KEINDÉ, W.; MELLO, V. R. R. **Relações étnico-raciais na Argentina: história, desigualdades e resistência.** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 349-371, nov. 2019/fev. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rev-cienso/article/view/40961>. Acesso em: 18 jan. 2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LA LEGISLATURA de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. **Ley n. 5.261**, contra la discriminación. BOCBA, n. 4655, Buenos Aires, 10 jun. 2015. Disponível em: <http://www2.cedom.gov.ar/es/legislacion/normas/leyes/ley5261.html>. Acesso em 12 jan. 2023.

LANCE. **Brasileiros acusam argentinos de racismo em rede social após título: 'E ainda tinha gente torcendo para eles'.** Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/brasileiros-acusam-argentinos-racismo-rede-social-apos-titulo-ainda-tinha-gente-torcendo-para-eles.html>. Acesso em 28 set. 2022.

LAGUARDA TRÍAS, Rolando. **Afronegrismos rioplatenses.** Separata del Boletín de la Real Academia Española. Tomo XLIX, Cuaderno CLXXXVI. 1969. Disponível em: https://apps.rae.es/BRAE_DB_PDF/TOMO_XLIX/CLXXXVI/LaguardaTrias_27_116.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

LÓPEZ, L. ¿Hay alguna persona en este hogar que sea afrodescendiente? Negociaciones e disputas políticas em orno das classificações étnicas na Argentina. Porto Alegre, BR-RS - Universidade do Rio Grande do Sul, 2005.

MAFFIA, M. M.; TAMAGNO, L. E. **Indígenas, africanos y afrodescendientes en la Argentina: convergencias, divergencias y desafíos.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2014.

MAIDANA, C.; OTTENHEIMER, A. C.; ZUBRZYCKI, B. **Estado y tratamiento de la diversidad etnoracial.** Los dispositivos de relevamiento de población indígena y afrodescendiente. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2014.

MITROVICH, V. **María Remedios del Valle, la capitana de la patria.** Disponível em: <https://casadelaindependencia.cultura.gob.ar/noticia/maria-remedios-del-valle-la-capitana-de-la-patria/>. Acesso em: 15 set. 2023.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, M. J. N. **Paradoxo Da Palavra “Negro” No Brasil:** Identidade social, injúria racial, violência simbólica. 2022. 141 f. – Dissertação (mestrado em Ciências Sociais da UFU) Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36012>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MIGNOLO, W. **La idea de América Latina, La Herido colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MIGNOLO, W. D. **Colonialidade:** o lado mais escuro da modernidade. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5540723/mod_resource/content/1/MIGNOLO%2C%20Walter.%20COLONIALIDADE%2C%20O%20lado%20mais%20escuro%20da%20modernidade.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

MIGNOLO, W.; WALSH, C.; LINERA, A. G. **Interculturalidad, descolonización del Estado y del conocimiento.** Buenos Aires: Del Signo, 2006.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica retórica de la modernidad, lógica de colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MINTZ, S. W. **Cultura:** Uma Visão Antropológica. The Yale Review, XVII (4), 1982, p. 499-512. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/JwQBsjjNptS-GCvBHQc8wQXC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

MOLAS, R. R. O negro na história Argentina (1852-1900). **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 4, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3225>. Acesso em: 15 set. 2022.

MOURA, C. **Quilombos, Resistências ao Escravismo.** São Paulo: Ed. Ática, 1993.

NASCIMENTO, G. **Racismo Linguístico:** os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OGLOBO. **Racismo argentino:** O jornal de Buenos Aires que chamou jogadores brasileiros de macacos. 28/04/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/04/racismo-argentino-o-jornal-de-buenos-aires-que-chamou-jogadores-brasileiros-de-macacos.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ORSI, G. O. “Não há negros na Argentina”: o mito da homogeneidade racial argentina. **Simbiótica**, v.9, n.2, mai.-ago./2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/39249>. Acesso em: 5 mar. 2024.

PAIXÃO, F. **Afro-argentina María Remedios del Valle será 1ª mulher homenageada na Câmara do país.** 06 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/06/afro-argentina-maria-remedios-del-valle-sera-1-mulher-homenageada-na-camara-do-pais>. Acesso em 02 out. 2023.

PINTO, C. F. **O papel do negro na formação do espanhol americano e algumas repercussões no ensino de espanhol no Brasil.** In: TIBA RÁDIS BAPTISTA, L. M.; SANTOS, I. N. C. dos; SANTOS, K. da C. (Org.). O espanhol no cenário brasileiro: questões cruciais para o ensino, a pesquisa e a formação de professores. Prefácio de C. C. Carrera. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-53. (2023).

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** In: **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latinoamericanas.** Org Edgardo Lander. (Buenos Aires: CLACSO, julio de 2000.

VENTURA, D. In Jornal BBC mundo. **‘Tranças da liberdade’: como penteados ajudaram escravizados em fugas.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnkw9153nl7o>. Acesso em: 04 de junho 2024.

REAL academia espanhola. **Lunfardo.** Disponível em: <https://dle.rae.es/lunfardo>. Acesso em: 5 mar. 2023.

REAL academia espanhola. **LABURAR.** Disponível em: <https://dle.rae.es/laburar>. Acesso em: 5 mar. 2023.

REVISTA Caras y Caretas. **Archivo de Redacción.** Disponível em : <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/ar-agn-isad-cyc01.pdf>. Acesso em 02 out. 2023.

RODRÍGUEZ, P. G.; SURASKY, J.; MAFFIA, M. M. **Organizaciones de la sociedad civil y agencias de cooperación internacional en la coproducción de una agenda nacional para afrodescendientes en la Argentina Reflexiones a partir de un proyecto AECID.** Ciudad Autónoma de Buenos aires: Biblos, 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, Edição do Kindle.

TESOURO, M. **Lucía Molina y el orgullo de ser afro-argentina.** Agencia Paco Uroondo. 18 Abril 2021. Disponível em: <https://www.agenciapacouroondo.com.ar/cultura/lucia-molina-y-el-orgullo-de-ser-afro-argentina>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TORRAGA, T. **“Macacos”:** Como jornal argentino se desculpou por capa racista na Olimpíada... UOL. 03/08/2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/tales-torrage/2021/08/03/macacos-como-jornal-argentino-se-desculpou-por-capa-racista-na-olimpiada.htm>. Acesso em 29 fev 2024.

ONE times incere guy. **Isto é o que acredita o presidente da Argentina Alberto Fernández.** REDDIT: @OneTimeSincereGuy. Disponível em: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/nz3vxo/isto_%C3%A9_o_que_acredita_o_presidente_da_argentina/ . Acesso em: 29 fev. 2024.

WAINER, L. E. **La Ciudad de Buenos Aires en los Censos de 1778 y 1810.** Población de Buenos Aires [en línea]. 2010, 7(11), 75-85. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74012783008>. Acesso em: 5 mar. 2024.

VENTURA, D. In Jornal BBC mundo. **‘Tranças da liberdade’: como penteados ajudaram escravizados em fugas.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnkw9153nl7o>. Acesso em: 04 de junho 2024.

Anexo I

Figura 1- Benkos Biohó



Fuente: Jornal Exclamación

Afro-Colombia - Palenque de San Basilio

El Palenque de San Basilio fue fundado por Benkos Biohó, un líder afro-colombiano que había sido esclavizado en la región. Benkos logró escapar y liderar un grupo de personas esclavizadas que también anhelaban la libertad. Juntos, establecieron el Palenque a mediados del siglo XVII, en los densos bosques de la región.

Benkos Biohó también era conocido como el “Rey de Palenque” y lideró la comunidad durante más de 30 años. Su gobierno se basó en los principios de libertad, igualdad y justicia. Los habitantes desarrollaron su propia cultura e idioma, el palenquero una mezcla de español, criollo y lenguas africanas.

Figura 2 - Trenzados



Fuente: Jornal Bbc Mundo (traducción nuestra).

Las Trenzas para la Comunidad Palenquera

Contenían secretos que solo podían ser leídos por quienes entendían el lenguaje; contaban historias y marcaban caminos que llevaban a la comunidad negra hacia la libertad. Según Valencia, “las esclavizadas se convirtieron en cartógrafas sin lápiz ni papel, creando y usando en la cabeza mapas dibujados con cabellos”.

Figura 3- Kombilesa Mi



Fuente: Radio Nacional Colombia Los Peinados- Kombilesa Mi-

Conociendo la música afro-colombiana con la banda Kombilesa Mi

Originaria de Palenque - San Basilio, fundada en 2011 combina ritmos tradicionales palenquero, con elementos contemporáneos de hip-hop y rap. Las letras de las canciones son una mezcla lingüística entre el palenquero y el español y abordan temas de identidad, resistencia y herencia cultural. La canción que sigue tiene la función de preservar y promover la cultura palenquera de los peinados.

Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=tCy0HphFRYk>

Los Peinados

Son una forma de expresión
Que ayudaron
Durante la esclavización
Dibujaron
El camino perfecto
Que ha llevado a los negros a la liberación
Con mi pelo rucho
La vacilo mucho
Conozco su historia y por eso lucho
Yo soy pelo duro, pero con orgullo
Mi pelo cucú, no se cae como el tuyo
La envidia de la gente por tu pelo
Es porque le da celo
De no tenerlo
Asina gué ke kelelo
Y muéstralo con anhelo
En el mundo entero
Donde quiera que tú vayas
Pisando suelo
Hazlo por tus abuelos
Y por tus hijos
Una vez tremendo dijo
Para que quiero tener el pelo liso
Para que quiero tener el pelo liso
Si con mi rucho, yo la vacilo
Me hago las trenzas
Me hago los gajos
Y si lo quiero liso yo me lo aliso
Y si lo quiero liso yo me lo aliso
Me lo espeluco, hasta más
Me voy pal imperio, a gozar
Y ese pelo, quien te peinó
Y ese pelo, quien te peinó
Y ese pelo, y ese pelo, y ese pelo
Quien lo peinó
Dice
Lindos tejidos trenzados, con estrategias crearon
En esos bellos peinados, un gran camino trazaron

Los cuales nos han llevado, a la liberación
Por esos quiero mi pelo con una gran emoción
Métetelo en la memoria
Nuestro pelo tiene historia
Creatividad, resistencia y mucha libertad
Por eso yo lo uso con dignidad
Porque el pelo bueno se sabe achaca
Cuando se aproxima una tempestad
Ellas dicen que pueden ir a todos lao
Y digo pico y placa pa las pelo alisao
Y con el pelo cucú la vacilamos
Con nuestro pelo no es que sea malo
Y ese pelo, y ese pelo, y ese pelo, quien lo peinó
Dice
Ama a tu pelo como a tu madre y cuídalo como a tu vida
Quiere a tu pelo como a tu padre y llénalo de felicidad
Ama a tu pelo como a tu madre y cuídalo como a tu vida
Quiere a tu pelo como a tu padre y llénalo de felicidad
Los Peinados
Son una forma de expresión
Que ayudaron
Durante la esclavización
Dibujaron
El camino perfecto
Que ha llevado a los negros a la liberación
Los Peinados
Son una forma de expresión
Que ayudaron
Durante la esclavización
Dibujaron
El camino perfecto
Que ha llevado a los negros a la liberación

Actividades

1) ¿Cuál es el tema principal de la canción “Los Peinados”?

- a) La historia de San Basilio de Palenque.
- b) La resistencia cultural a través de los peinados.
- c) La vida cotidiana en Palenque.
- d) La música tradicional afro-colombiana.

(Objetivo: Desarrollar la habilidad de análisis crítico e interpretación textual.)

2) Según la canción, ¿qué representaban los peinados durante la esclavización?

- a) Una moda pasajera.
- b) Una forma de ocultar mensajes de libertad.
- c) Un símbolo de riqueza.
- d) Una tradición religiosa.

(Objetivo: Promover la reflexión y el debate sobre identidad y también la diversidad cultural.)

3) ¿Cómo crees que los peinados pueden servir como una forma de resistencia y expresión cultural en el contexto moderno? Discute con tus compañeros y comparte tus ideas.

(Objetivo: Estimular la práctica de expresión personal de forma oral.)

4) En la frase “Me hago las trenzas, me hago los gajos”, ¿qué tiempo verbal se utiliza y cuál es su función en esta oración?

- a) Pretérito perfecto, describir acciones pasadas.
- b) Futuro simple, expresar una intención futura.
- c) Presente indicativo, indicar acciones habituales.
- d) Imperativo, dar un orden.

(Objetivo: Desarrollar habilidades de comparación y contraste cultural.)

Elaborado por: Fernanda Cristina da Silva Oro Ghiberto

Anexo II

Adjetivos

Un adjetivo es una palabra que describe o califica a un sustantivo, proporcionando más información sobre él. Los adjetivos pueden indicar características, cualidades, estados, y cantidades de los sustantivos a los que acompañan. En español, los adjetivos deben concordar en género (masculino o femenino) y número (singular o plural) con el sustantivo al que se refieren.

Por ejemplo, en la frase “La casa grande,” el adjetivo “grande” describe el tamaño de la casa, que es el sustantivo. Si cambiamos el sustantivo a plural, el adjetivo también debe cambiar: “Las casas grandes.”

Para practicar la lengua



Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra - 1922-2014- Fue compositora, coreógrafa, diseñadora e investigadora de las culturas de raíz africana, exponente del arte afroperuano. Nació el 27 de octubre de 1922 en La Victoria, provincia de Lima y murió el 30 de agosto de 2014, en Lima. Viajó difundiendo la cultura negra de Perú y fue una de las pocas mujeres, latinoamericanas y negras, ca-

tedrática en la Universidad Carnegie Mellon (Estados Unidos), de la que quedó como profesora vitalicia.

“El ser humano está dividido: dice una cosa, piensa otra y hace otra; y esta división, mientras no tome conciencia de algo, nos va a destruir.(...) Desde el momento en el que el enemigo vive en casa por algo ya no estamos en casa. Hay que empezar a ponerse de pie, asumiendo la responsabilidad, sin buscar a quien culpar, porque no hay revolución sin evolución y eso se gesta al interior de cada uno de nosotros. Y empezar a descubrir algo que se llama presente. Sólo en el presente hay acción y sólo en la acción hay mutación, transformación.”

Lima



**Me Gritaron Negra- Victoria
Eugenia Santa Cruz**

Tenía siete años apenas,
apenas siete años,
¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!
De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡SÍ!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que
aquello escondía. Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y oí mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!

Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga

¡Y cómo pesaba! ...
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?

¿Y qué? ¡Negra!
Sí ¡Negra!
Soy ¡Negra!
Negra ¡Negra!
Negra soy

¡Negra! Sí
¡Negra! Soy
¡Negra! Negra
¡Negra! Negra soy
De hoy en adelante no quiero
laciár mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar – según ellos –
que por evitarnos algún sinsabor
Lllaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
Al fin
Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
¡Negra soy!



Fuente: <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>

Hoja de actividad

1) Después de la lectura del poema “Me gritaron negra” de poeta afroperuana Victoria Santa Cruz, contesta las preguntas.

a) ¿Según tu interpretación, de que trata el poema?

b) ¿Qué representa el adjetivo “negra” para el yo lírico en el poema? ¿Cómo esta palabra afecta su percepción de sí misma y de su identidad?

c) El poema aborda temas como la discriminación y el prejuicio racial. ¿Cuáles son los adjetivos o expresiones que indican esa discriminación a lo largo del poema?

d) ¿Si cambiáramos el adjetivo “negra” por el adjetivo “blanca”, el sentido del poema sería el mismo? Si tu respuesta es no, observando el contexto sociocultural brasileño ¿Qué eso significa?

Anexo III

Racismo em imagens

FIGURA 1 – isto é o que acredita o presidente da Argentina Alberto Fernández



FONTE: REDDIT: @OneTimeSincereGuy (2021)

FIGURA 2 –Jornal argentino Olé e sua publicação racista contra brasileiros



FONTE: TORRAGA, Tales. “Macacos (1996).

FIGURA 3 – Torcedor do Boca Junior sendo preso por racismo em jogo de futebol no Brasil



FONTE: FURTADO, Tatiana. **Atitudes das torcidas de Boca e River (2022)**

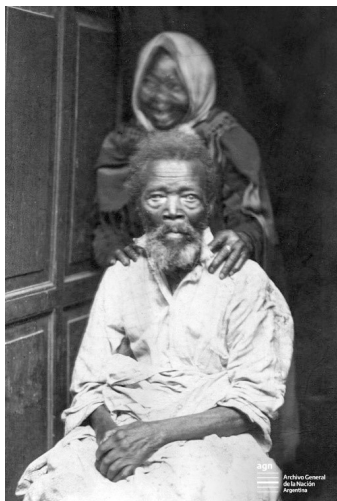
Anexo IV - resistência em imagens

FIGURA 1 – Cómo se festejan las fiestas patrias en los barrios porteños.



FONTE: Archivo General De La Nación Argentina No Facebook (1938)

FIGURA 2 – José Lara de “124 años de edad”.



FONTE: Archivo General De La Nación Argentina No Facebook Buenos Aires (1904)

Anexo V - lista de associações Afro-argentinas

ASOCIACIÓN ÁFRICA Y SU DIÁSPORA

ASOCIACIÓN AFRO-ARGENTINA FLORENTINA F. DE CRUELA

ASOCIACIÓN AFROSANTIAGUEÑOS
UNIDOS (SANTIAGO DEL ESTERO)

AGRUPACIÓN ENTRE AFROS (ENTRE RIOS)

ASOCIACIÓN TOMÁS B. PLATERO (LA PLATA)

CASA INDO-AFRO-AMERICANA MARIO LOPEZ (SANTA FE)

COFRADIA DE SAN BALTAZAR (CORRIENTES)

COMEDIA NEGRA DE BUENOS AIRES

DIAFAR – DIÁSPORA AFRICANA DE LA
ARGENTINA ESPACIO MALCOLM

FESTIVAL AFROTANDIL

UNIÓN UNIVERSITARIA AFRO-ARGENTINA

CONSELHO EDITORIAL

Dr^a. Larissa de Cássia Antunes Ribeiro (Unicentro)

Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Dr^a. Silvana Oliveira (UEPG)

Dr. Anderson Pedro Laurindo (UTFPR)

Dr^a. Marly Catarina Soares (UEPG)

Dr^a. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Dr^a Letícia Fraga (UEPG)

Dr^a. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Dr^a. Eunice de Moraes (UEPG)

Dr^a. Joice Beatriz da Costa (UFFS)

Dr^a. Luana Teixeira Porto (URI)

Dr. César Augusto Queirós (UFAM)

Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Dr^a. Clarisse Ismério (URCAMP)

Dr. Nei Alberto Salles Filho (UEPG)

Dr^a Ana Flávia Braun Vieira (UEPG)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (UTFPR)

